

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

AMANDA AVILA MORAES

**A NOIVA DA LAGOA DOS BARROS: O IMAGINÁRIO DE UMA
DAMA DE BRANCO NO RIO GRANDE DO SUL**

Porto Alegre

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

AMANDA AVILA MORAES

**A NOIVA DA LAGOA DOS BARROS: O IMAGINÁRIO DE UMA
DAMA DE BRANCO NO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial à obtenção de título
de bacharela em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cláudia Mauch

Porto Alegre

2022

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar como um crime real de 1940 alimentou a lenda de uma dama de branco que assombra as margens da Lagoa dos Barros, localizada entre as cidades de Osório e Santo Antônio da Patrulha no Rio Grande do Sul. O estudo analisa as semelhanças e as diferenças presentes nas narrativas, assim como os aspectos que puderam ser considerados sobrenaturais existentes nas circunstâncias do crime e que possivelmente motivaram as versões da lenda. As fontes utilizadas foram postagens de blogs e produções audiovisuais disponíveis no Youtube de anos recentes, e reportagens do periódico *Diário de Notícias* publicadas na época do caso. A intenção é propor um paralelo entre as narrativas fantásticas que apresentam uma versão diferente da publicada nos jornais da época do crime, mas que servem para refletir sobre como as narrativas alteram-se através da memória e à medida em que ela é contada e recontada, ao ponto de um crime real tornar-se uma lenda, um conto popular parte de uma escrita coletiva e sem fim.

Palavras-chave: Lenda da Lagoa dos Barros, Dama de Branco, Imaginário.

Abstract: This paper aims to investigate on how a true 1940's crime fostered the tale of a white lady that haunts the Lagoa dos Barros's banks, situated between the cities of Osório and Santo Antônio da Patrulha in Rio Grande do Sul. The research analyzes the similarities and the variations present in the narratives, as well as the aspects that can be considered paranormal in the crime's circumstances and that possibly motivated the different tale versions. The sources utilized were blog posts and recent Youtube audiovisual productions, along with news from the *Diário de Notícias* Journal, published at the time of the crime. The intent is to propose a parallel between the fantastic narratives that picture a different version than the one that was released in the newspapers during the time of the crime, reflecting on how narratives change through memory and as they are told and retold, to the point that a real crime becomes a legend, a popular tale collectively and endlessly written.

Keywords: Lagoa dos Barros's Legend, White Lady, Imaginary.

Sumário

1. Introdução	5
2. Lenda, imaginário popular e folclore: uma discussão conceitual	13
2.1 “As trevas que transformam o medo <i>na</i> noite do medo <i>da</i> noite”: o imaginário do medo	17
2.2 “Maria Luiza, Maria Francelina e Maria Bueno”: diferentes na morte assim como foram em vida	21
3. As narrativas que preenchem silêncios	28
3.1 “Um drama de amor, de sangue e de mistério”: o crime na imprensa	29
3.2 “Uma noiva enforcada por seu próprio véu”: versões de uma narrativa adaptada ao imaginário local	33
3.3 “A história arrepiante da noiva da Lagoa dos Barros”: o crime real e os elementos sobrenaturais	42
4. Considerações Finais	50
Fontes	52
Referências bibliográficas	53

1. Introdução

Em todas essas pesquisas, uma das maiores dificuldades reside precisamente na leitura e interpretação dos silêncios, tão densos de sentido porém. Quando a fonte de informação se torna muda, o que se deve concluir?

“Ideologias e mentalidades”, Michel Vovelle.

A epígrafe escolhida para introduzir este trabalho ilustra uma questão pertinente em toda a pesquisa. Uma narrativa contada e recontada ao passar de décadas, de pai para filho, de avô para neto. Um julgamento e uma lenda feitos para preencher silêncios. De que modo um crime real alimentou a lenda de uma noiva fantasma? Os viajantes que sobem o estado do Rio Grande do Sul do sul em direção ao litoral norte deparam-se no caminho com uma extensa lagoa escura. As narrativas fantásticas que envolvem a Lagoa dos Barros, situada entre os municípios de Osório e Santo Antônio da Patrulha, ultrapassam os limites de uma lenda local. Dificilmente há algum viajante que não escute murmúrios acerca de uma suposta cidade submersa escondida sob as águas profundas da Lagoa ou sobre o fantasma de uma noiva que assombra o local à noite. “Causos” contados para causar temor à parte, as águas da Lagoa já foram testemunhas de um crime real ocorrido em agosto de 1940. A jovem Maria Luiza Haussler, conhecida pela família e amigos como Lysinka, desapareceu de um baile na Sociedade Germânia em Porto Alegre para ser encontrada dois dias depois submersa sob as águas da Lagoa dos Barros. Seu namorado há três anos, Heinz Schmelling, foi condenado pelo crime, porém nunca confessou o assassinato. Talvez pela falta de uma confissão que ajudaria a compreender o que ocorreu naquela noite de agosto ou talvez pelo fascínio mórbido acerca de um crime passional envolvendo um casal de namorados jovens, bonitos e pertencentes a famílias da alta sociedade porto alegreense, a história ganhou outros contornos. Não é possível termos precisão de em que momento Lysinka passou de uma vítima de um crime de alta repercussão na época para uma noiva vestida de véu e grinalda enquanto assombra as margens da Lagoa. O que sabemos é que o crime real ocorrido há mais de 80 anos tem alimentado narrativas fantásticas de um fantasma de uma jovem mulher vestida de noiva.

A lenda que conhecemos como A Noiva da Lagoa dos Barros ou somente com A Dama da Lagoa, possui certos elementos em sua narrativa que se assemelham a outros relatos

presentes em diversas culturas. A presença de um fantasma feminino vestido de branco, vítima de um crime violento, seja ele real ou inventado, representa não somente um conto popular para causar temor como também proporciona reflexões acerca das motivações por detrás da lenda, ou seja, sobre os motivos pelos quais alguns crimes violentos contra mulheres transformaram as vítimas em fantasmas.

Apesar de, conforme a lenda, o crime ter ocorrido às margens da Lagoa dos Barros e o fantasma da vítima supostamente assombrar a rodovia e as proximidades do local da tragédia, as narrativas populares não são somente conhecidas pelos moradores da cidade de Osório e região, elas também são contadas pelos viajantes e caminhoneiros que passam pela Lagoa. Ademais, há o fato de que ambos os envolvidos pertenciam a famílias da alta sociedade porto-alegrense e foi um crime com alta repercussão na época. A partir destas duas perspectivas, a do crime real que chocou a sociedade da década de 1940 e que interrompeu o futuro de uma jovem estudante de artes de somente 17 anos, e da narrativa popular, de uma bela assombração vestida de noiva, surge o questionamento de porque a morte de Maria Luiza Haussler alimentou o imaginário e ainda a transformou em uma *noiva*.

Para entender como os “causos” se inserem na cultura de um determinado povo e, portanto, podem ser um material de reflexão através de uma metodologia histórica, precisamos realizar uma breve análise acerca dos conceitos que envolvem as narrativas contadas para causar temor e o fenômeno dos fantasmas femininos vestidos com a cor branca. Conhecidas como “Damas de Branco”, há a presença de tais espectros em diversos locais e culturas diferentes. Todas possuem certos elementos em comum, como o envolvimento - direto ou indireto - de homens em sua morte, mas há alterações na narrativa de acordo com os costumes e crenças de cada povo e da época em que a lenda é contada.

Primeiramente, devemos ressaltar a importância das noções de representação e de imaginário. Como dito anteriormente, a principal característica que une as lendas das Damas de Branco é a sua morte trágica, pelas mãos de homens ou em consequência do seu envolvimento amoroso com eles. De acordo com Pesavento (1999, p. 22) “Entende-se que mesmo o fantástico e o extraordinário manejam com dados reais, transformados e adaptados em combinações várias. A própria potência criadora do imaginário não é concebida num vazio de ideias, coisas ou sensações”. Podemos perceber o fator do gênero não só no crime passionnal que ocasionou a morte precoce de Maria Luiza, como também nas visões expressas nas páginas dos jornais após o crime, que mostram uma perspectiva de realidade da época,

com seus ideais de certo e errado, de moral e justiça. A escolha de como o crime foi retratado e as afirmações sobre Maria Luiza, que envolvem as circunstâncias do seu namoro com Heinz e a sua castidade, demonstram quais representações de feminino eram consideradas como o que a sociedade esperava de uma mulher e quais divergiam deste ideal. Ou seja, se a mulher em questão estava mais próxima de Maria ou de Eva. Segundo Pesavento (2012, p. 43),

O imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. [...] Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito.

O próprio julgamento e as matérias jornalísticas sobre o caso, não deixam de ser representações do que teria acontecido. Eles são frutos de uma intenção, consciente ou inconsciente, de efetuar uma espécie de justiça ou absolvição do crime. Eles buscam justificar as ações de Heinz e/ou de Maria Luiza, de acordo com o conceito de certo e errado da época, de acordo com uma determinada visão da realidade e das concepções de gênero da época. Por exemplo, segundo o trecho do depoimento de Heinz utilizado por Bujes¹ (2020, p. 38):

Ali, segundo dissera o jovem em depoimento, “manifestou o desejo de possuí-la outra vez, e a isto se recusou Maria Luiza. Por essa razão, achando-se com direito a ela, subjugou-a e, à força, satisfiz nela o desejo sexual que o dominava (trecho do depoimento do inquérito policial, Diário de Campo).

Ao afirmar que teve relações sexuais com Lysinka por ter o direito sobre o seu corpo, Heinz exterioriza o sentimento de posse em relação à vítima. Destacamos que a defesa do réu apoiava-se na hipótese de que Maria Luiza encontrava-se abalada e instável pela recusa de sua família em apoiar o seu casamento com Heinz e portanto, desferiu um tiro no ex namorado e cometeu suicídio, como uma espécie de reencenação da história de Romeu e Julieta. Podemos observar nesse argumento a questão do casamento, algo que já havia sido apresentado por Heinz ao afirmar que sempre quis casar com Maria Luiza e “que ela era sua”.² A relação de um noivado representa um tipo mais sério de compromisso do que o namoro, como se o réu possuísse mais direitos sobre a vítima. Ademais, ao afirmar que

¹Agradeço à Janaína Bujes por gentilmente ter cedido o seu trabalho de conclusão de curso para elaboração desta pesquisa e por ter aceitado fazer parte da banca de avaliação.

² Bujes (2020, p.52) destaca que no próprio julgamento, o juiz ao realizar as perguntas para Heinz refere-se a Maria Luiza tanto pelo nome quanto por “noiva”. Ou seja, há uma grande presença da questão do noivado entre ambos no caso.

costumava ter relações sexuais com Maria Luiza previamente ao crime, ele reafirma o sentido de posse e ainda busca isentar-se dos crimes de defloramento e estupro.

É importante ressaltar que as representações da figura do masculino e do feminino estão presentes, quer no julgamento do crime quer na narrativa que alimentou-se deste. Para Scott (1994, p. 86), a definição de gênero está entre dois pressupostos: uma construção social que formou-se baseada nas diferenças percebidas entre os sexos e como uma forma de dar um significado às estruturas e relações de poder. Observamos que a questão da moral burguesa e do papel da mulher teve grande relevância durante o julgamento, tanto nas afirmações de Heinz sobre o seu relacionamento com Lysinka e o seu suposto direito sobre o corpo dela, quanto na tentativa da defesa de mostrar a vítima como uma mulher com um emocional frágil e volúvel. Como fruto de uma construção social inserida em um contexto específico, o gênero possui representações simbólicas do que seria o papel de cada sexo e aquilo que é relativo ao homem e a mulher. Segundo Scott (1994):

[...]os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias) - Eva e Maria como símbolos da mulher, por exemplo, na tradição cristã ocidental - mas também mitos de luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção.

Durante o julgamento, podemos observar que o papel da Maria Luiza como mulher foi manipulado pela defesa e acusação. Ao mesmo tempo que a defesa de Heinz apresenta uma Maria Luiza abalada emocionalmente por ser impedida pela família de casar com o homem que amava e com quem possivelmente poderia ter mantido relações sexuais antes do casamento, a acusação utiliza-se das testemunhas para construir a imagem de uma moça recatada e tímida. Uma moça que se encaixava no que era esperado do papel feminino que deveria ser desempenhado na classe social e no meio que estava inserida.

Porém, a questão do gênero não aparece somente nos documentos policiais e judiciais sobre crime passional como também nas narrativas que povoam o imaginário das pessoas que contam os “causos”. Assim como no julgamento são utilizados os sentimentos “instáveis e frágeis” de Maria Luiza para justificar um suicídio, a representação de uma noiva enforcada pelo seu próprio véu no imaginário popular também ativa certos dispositivos sobre gênero e relações de poder.

No Rio Grande do Sul, podemos encontrar outras narrativas fantásticas que envolvem mulheres que sofreram mortes violentas. Uma das mais famosas delas refere-se ao crime ocorrido com Maria Francelina Trenes, que ficou conhecida como uma santa popular de nome Maria Degolada ou Maria da Conceição. Em um estado marcado pela Revolução Federalista de 1893, popularmente denominada de Revolta da Degola, não é de se surpreender que a agressão sofrida por uma mulher pelas mãos de um militar tenha causado assombro e repulsa da população. Ademais, devemos ressaltar que, assim como Lysinka, Maria Francelina era uma moça de ascendência alemã e seu agressor foi definido como um mestiço e retratado como "mal encarado". (PESAVENTO, 2008, p. 349). Assim como na narrativa que este trabalho busca analisar e como será explorado posteriormente, o crime ocorrido com Maria Francelina ganhou ao longo da história, a partir da oralidade e do imaginário popular, diversas narrativas de como ocorreu a sua morte e o porquê. Quando vivia, era uma moça pobre e aparentemente residia com um homem sem ser casada, porém depois da sua morte trágica entrou para o imaginário social como uma mártir. De acordo com Pesavento (2008, p. 345) "Morta, ela pode virar santa, pois é vítima. É a loura mártir do sujeito caboclo e mal encarado."

Ao incorporar-se no imaginário social da sociedade rio-grandense, a figura de Maria Luiza e as circunstâncias de sua morte sofreram alterações na narrativa contada popularmente. Portanto, a pesquisa realizada neste trabalho é interdisciplinar, utilizando-se do campo da história, antropologia e literatura para compreender o imaginário contido na narrativa fantástica que incorporou o crime real e as representações sociais do feminino que envolve as histórias das damas de branco.

A exemplo do livro *Os Sete Pecados da Capital* de Sandra Jatahy Pesavento, pretendo neste trabalho compreender a memória cultural e a narrativa fantástica contada pela oralidade como uma fonte de pesquisa histórica. Entretanto, optou-se por utilizar neste trabalho fontes em que os contos relatados pessoalmente em pequenos grupos ganharam uma nova forma, possuindo um alcance maior. As postagens e as produções audiovisuais podem ser consideradas como uma perpetuação da memória, à medida que a lenda é recolhida por registros orais ou de outras fontes digitais e é publicada em um site. Permitindo assim, que ocorra interações sobre a narrativa e novas suposições sobre a lenda. De acordo com Pesavento (2008, p.11), "[...] há que pensar também naqueles vestígios do passado transmitidos pela oralidade. São, a rigor, o que restou do fato acontecido, contado e recontado

por um ‘ouvir dizer’, por um ‘teria sido’”. Ao analisar as narrativas fantasiosas, comparando-as com o processo crime e as publicações da imprensa da época, é possível identificar aspectos em comum entre elas. Pequenos resquícios que restaram do fato acontecido, que marcaram e permaneceram na memória popular. Mas também percebe-se que a lenda apropriou-se de outros elementos que possivelmente estavam presentes no imaginário e tradições da população dos arredores da lagoa, e que foram se modificando com o tempo.

No caso da Noiva da Lagoa dos Barros, a despeito das pesquisas que podemos realizar utilizando as fontes primárias do crime, nós podemos somente supor o que “poderia ter sido”. Sem testemunhas a não ser o assassino, não é surpresa que Maria Luiza tenha sobrevivido na narrativa popular como um fantasma que lamenta pelo seu futuro interrompido. Apesar da literatura oral sobre o que teria ocorrido naquela noite de agosto de 1940 ser uma ficção, tais narrativas possuem valor em uma pesquisa histórica por fazerem parte de uma memória cultural compartilhada por um grupo. E esta memória cultural, ao passar do tempo e ao ser contada e recontada, incorporou e perdeu elementos que foram “escolhidos” para serem lembrados. A narrativa fantástica é fruto não somente de um fato “exagerado” pelas pessoas que a contam, como também é um reflexo da sociedade na qual está inserida. Quais são seus temores? Quais são seus valores acerca do certo e errado?

Devemos destacar que a escolha de uso do termo “literatura oral”, apesar do significado ser de difícil definição, foi devido a sua utilização em outros trabalhos que tratam sobre “Damas de Branco” e lendas. Tais trabalhos são da área da literatura, mostrando que para poder compreender de forma mais ampla um assunto que envolve não somente memória e cultura, como oralidade, precisamos realizar uma pesquisa interdisciplinar. De acordo com Sylvia Dion (2011, p. 1),

[...] podemos entender a literatura oral os falares de um povo, uma cultura que é repassada de “boca em boca”, onde a narrativa é transmitida de geração em geração, assumindo suas características próprias onde apenas os ouvintes que conhecem sua cultura e a tradição locais iriam ter uma melhor compreensão dos acontecimentos e do conteúdo na oratória.

Pelo objetivo da pesquisa ter como foco maior o imaginário social ao redor da narrativa fantástica da Noiva da Lagoa dos Barros e não o crime passional sofrido por Maria Luiza Haussler, optei por utilizar como fonte primária as disponíveis em meios digitais, principalmente sites de notícias, blogs e vídeos, para verificar diferentes versões da narrativa

e seu contexto. Referente às versões da lenda, a análise se divide em fontes audiovisuais e escritas. Entre as produções em vídeo, utilizo o documentário *A Lagoa dos Barros*, exibido pela RBS em 2001 e que se encontra disponível no site da emissora. Outras fontes são dos canais Senhora Morte, Dra. Plague Asylum e Justiça Gaúcha, disponível no Youtube. Utilizo como fonte escrita dois sites de notícias, Porto Alegre 24h e Gaúcha ZH, e o blog Mistérios Fantásticos, que possui uma tendência ao sobrenatural. Acerca da imprensa da época do crime, foram usadas reportagens do Jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Os blogs e alguns dos vídeos foram usados para analisar qual é a versão difundida boca a boca, enquanto os sites de notícias, os jornais e o vídeo produzido pelo Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul apresentam uma versão da narrativa que busca maior proximidade com o crime ocorrido. Dado que alguns dos blogs e vídeos apresentam uma narrativa que contém de similaridade com o crime ocorrido em 1940 somente o nome da vítima, eles servem aqui para ponderar como e porque a narrativa que já era trágica tomou outros rumos. Por exemplo, se Maria Luiza Haussler transformou-se em uma noiva enforcada pelo próprio véu devido a um contexto específico ou até mesmo se o crime sofrido por ela somente misturou-se no imaginário popular já existente de uma Dama de Branco na Lagoa.

Dito isso, o trabalho está organizado em dois eixos. No primeiro capítulo, foi realizada a discussão conceitual acerca das narrativas fantásticas. Primeiramente, são abordados os conceitos de lenda, imaginário popular e folclore, para contextualizar como a oralidade pode incorporar um fato real à teia da memória coletiva de uma comunidade, tornando quase impossível a tarefa de averiguar quando e como a narrativa alterou-se. Posteriormente, é tratada a questão do imaginário do medo e como os medos seculares, que passaram de geração a geração, contribuíram para que a narrativa “Noiva da Lagoa do Barros” fosse criada. Por fim, há a realização de um breve panorama entre outras duas Damas de Branco, Maria Bueno e Maria Francelina Trens, para traçar um paralelo entre as três narrativas. Serão abordadas suas diferenças e similaridades e o questionamento de porque as três moças entraram no imaginário popular de maneiras diferentes.

Na segunda parte do trabalho, ocorre a análise das versões da lenda da Dama da Lagoa, buscando verificar o que elas possuem de similaridades com o crime real e os possíveis motivos para que a narrativa tenha sido alterada ao passar dos anos. Para tal, o segundo capítulo começa com uma breve análise sobre como o caso foi abordado nas notícias do

jornal *Diário de Notícias*, para refletir quais elementos apresentados em tais matérias podem ter contribuído para o imaginário popular em volta da história. As versões da lenda são apresentadas por meio de textos, reportagens e vídeos presentes na internet. As fontes digitais facilitaram o acesso de diferentes versões de uma mesma narrativa. Elas foram organizadas em duas partes, sendo a primeira apresentando as narrativas em que Maria Luiza teria sido uma noiva enforcada por seu próprio véu ou vítima dos ciúmes de uma paixão não correspondida. Por fim, foram analisadas as fontes que, apesar de mostrarem uma versão mais próxima dos autos do crime, ainda possuem elementos sobrenaturais em sua narrativa e por vezes, informações que não puderam ser verificadas. Ademais, devemos ressaltar a hipótese de que além do aumento das produções sobre a lenda propiciado pelo interesse por histórias sobrenaturais na internet, a descoberta e a divulgação dos laudos periciais do crime pelo Instituto-Geral de Perícias (IGP), possivelmente também influenciaram para que a narrativa apresentada atualmente seja mais aproximada do crime descrito nos autos do processo.

2. Lenda, imaginário popular e folclore: uma discussão conceitual

Ao tratar sobre a narrativa fantástica da Noiva da Lagoa e demais Damas de Branco, devemos levantar a questão acerca dos conceitos de lenda, imaginário popular e folclore. Para isso, é importante ressaltar que os estudos que envolvem a cultura e o saber local foram influenciados pela História das Mentalidades e História Cultural, abordagens históricas que buscam diferentes tipos de fontes e apoiam-se na interdisciplinaridade para entender as relações sociais que envolvem os “silenciados” e quais são as suas visões da sociedade que os cercam, e que trouxeram importantes avanços nos estudos acerca do imaginário popular. A História das Mentalidades utilizou-se da sociologia e da psicologia para buscar entender as visões de mundo e demais comportamentos. No livro em que explora a relação entre os vivos e os mortos na sociedade medieval, Jean Claude Schmitt (1999, p.18) explica que os estudos das mentalidades,

[...] não consistem apenas nos estratos antigos e persistentes dos pensamentos e dos comportamentos, mas nas crenças e nas imagens, nas palavras e nos gestos que encontram plenamente seu sentido na atualidade presente e bem viva das relações sociais e da ideologia de uma época.

Ao trabalharmos com noções como mentalidade e cultura, é preciso muita cautela devido a falta de precisão, principalmente na utilização das fontes originárias de relatos orais. É impossível determinar a autoria e descobrir qual é o responsável por cada alteração na lenda da Noiva da Lagoa dos Barros. Porém, podemos reconhecer na recepção e na transmissão destas lendas uma prática social. Cada pessoa que conta e escuta um “causo”, é um participante ativo da cultura e faz parte da teia da memória coletiva de uma determinada comunidade. Analisando estes contos de assombração, percebemos as práticas culturais que eles evocam, as trocas sociais, as visões de mundo que eles compartilham. Percebemos parte da cultura local. Portanto, podemos considerar que as lendas fazem parte do imaginário social da comunidade e de um sistema cultural (Geertz, 1989). Ademais, quando falamos sobre cultura popular, temos que destacar também o cuidado com o uso da palavra “popular” e com o próprio conceito do que é a cultura de um povo. Segundo Geertz (1989, p. 56), a cultura pode ser considerada

[...] um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio de quais ou homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida.

Assim como o folclore, outro conceito controverso, a cultura popular é vista como os costumes, saberes e crenças que provêm de um povo, porém não pode ser considerada algo imutável. Em outras palavras, a cultura é viva e se modifica de acordo com a época e as necessidades que ela traz, assim como a escolha do que recordar e guardar para a posterioridade é fruto dessa necessidade. Quando falamos sobre narrativas fantásticas contadas ao passar dos anos e décadas, estamos também trazendo as visões de mundo que elas refletem e a importância de certos valores para as sociedades que as contam.

Conforme a percepção de Geertz sobre significados incorporados em símbolos em um sistema de concepções herdadas e que se altera de acordo com as mudanças na sociedade, podemos ter um pequeno vislumbre do passado se analisarmos contos populares. Em seu livro *O Grande Massacre dos Gatos e outros episódios da história cultural francesa* (1986), Darnton utiliza-se de contos de fadas para tentar compreender a visão de mundo de camponeses mortos há mais de três séculos. Quais eram os símbolos que estas narrativas apontam? Qual era o contexto econômico e social que possibilita talvez identificar uma época para que esses contos sejam contados como “lições de moral”?

Assim como os contos de fadas, os “causos” são frutos de narrativas populares que não possuem autoria reconhecida e nem podem ser situadas em um tempo específico. Ambos recebem variações na narrativa, sendo atribuídos a eles elementos regionais para facilitar na identificação com o relato de quem conta e quem escuta. De acordo com Dion (2005, p. 89), "A lenda é, de certo modo, uma apropriação da história, denunciando-nos como os membros da comunidade perceberam os acontecimentos históricos, grandes e pequenos". Ou seja, a ocorrência de um crime impactante com membros de famílias importantes que foi bastante repercutido nas notícias e no falatório local provavelmente favoreceu para que o crime real tenha sido incorporado à narrativa já conhecida de uma dama de branco. E em cada vez que essa narrativa era contada, ela recebia variações e era modificada.

O conceito de “lenda” não é amplamente utilizado por historiadores, mas é importante pontuar brevemente neste trabalho o porquê da Noiva da Lagoa ser considerada uma lenda. De acordo com Lopes (2005, p. 374) lendas “são histórias que envolvem elementos ou situações banais do cotidiano, mas que por seu caráter inusitado, ou em muitos casos absurdo, provavelmente não aconteceram”. Por exemplo, é banal para muitos sul-riograndenses passar

pela Lagoa dos Barros em direção ao litoral norte gaúcho. Mas pode ser considerado absurdo ver uma noiva fantasma pedindo carona na rodovia na frente da Lagoa. Ademais, as lendas são conhecidas pela sua transmissão pelas pessoas. Conforme a definição de Ginzburg (2006), há a existência de um movimento circular de ideias que ele interpreta com o conceito de “circularidade cultural”. Isto posto, as ideias e visões não ficam restritas em uma única classe social. As ideias circulam por diferentes setores e classes da sociedade e também absorvem elementos externos. Podemos observar, como posteriormente será analisado no segundo capítulo deste trabalho, que após a popularização da internet houve o crescimento da circulação de lendas locais para um alcance nacional. Portanto, atualmente as lendas não devem ser vistas como algo que circula majoritariamente em uma mesma comunidade.

Devemos ressaltar o fator social das lendas, pois como são narrativas mutáveis e que se modificam ao passar do tempo e de acordo com quem as conta, elas também são consideradas fruto de uma prática social. Utilizando do exemplo das famosas Damas de Branco, narrativas sobre fantasmas femininos vestidos de branco que estão presentes em vários locais diferentes, vemos como mesmo com elementos em comum, ocorre a ressignificação da narrativa de acordo com a cultura de cada povo e do tempo em que ela é contada. Há mudanças na maneira de contar, mudanças na própria narrativa. Em uma mesma comunidade, pode haver diversas versões de uma mesma lenda conforme quem conta e quando. Portanto, podemos ver as lendas como uma forma de prática social que cria laços tanto com o local quanto entre as pessoas. Segundo Orlandi (2016, p. 39),

O que nos leva a concluir que estas lendas são parte da memória, da individuação dos sujeitos, e uma forma de laço (liame), pelo assombro, produzindo seus efeitos na identidade social. Sem deixar de referir ao fato de que, não só na circulação, mas também na sua materialidade evocativa da presença, estas lendas de assombração, produzem seus efeitos: são palavras com o poder de presentificar, de manter.

Apesar de folclore ser um termo controverso no campo da história, visto por vezes como antiquado, atualmente há novos trabalhos acadêmicos que buscam reintegrar o uso do folclore como fonte histórica. No artigo “O folclore e a escrita da história: a cultura popular como fonte” de Vitor Hugo Néia (2017), o autor expõe uma breve trajetória acerca da construção do conceito de folclore e da cultura popular na Europa e no Brasil. Primeiramente, a cultura popular de um povo e seu folclore eram vistos como uma forma de resgatar a sua “verdadeira cultura tradicional e essência nacional”, algo que seria imutável e incorruptível. Com a criação da Folklore Society em Londres durante o séc XIX, difundiram-se pela Europa

os estudos sobre cultura popular e folclore. No Brasil, as pesquisas acerca do folclore nacional tiveram seu período de efervescência entre 1920 e 1970, possuindo as mesmas dificuldades encontradas na Europa. Diferente de ser um conceito homogêneo e imutável, a cultura popular deve ser estudada como algo fluido e que se renova. De acordo com Néia (2017, p. 220-221) o folclore pode ser definido como:

No que diz respeito ao folclore, especificamente, costuma-se associá-lo à oralidade, à coletividade e a uma dispersão temporal que se esvai num passado longínquo, perpetuado pelas gerações. Nele incluem-se, por exemplo, saberes e práticas ancestrais, manifestações da religiosidade, mitos, artesanato e até mesmo a língua.

Após pontuar nomes e obras de historiadores que pesquisam sobre cultura popular e apresentar uma discussão acerca da fluidez dos conceitos de cultura, de popular e de folclore, Néia aponta os cuidados que os pesquisadores devem ter ao escrever sobre o tema e que ele pode sim ser utilizado como fonte acadêmica. Para tal, é preciso entender que a cultura é viva e está em constante modificação, assim como também ela não é única e não exclui a individualidade. Ademais, deve-se analisar criticamente os registros escritos das manifestações orais, pois pode haver interpretações equivocadas e adaptações ao escrevê-los. Retomando o tema de contos de fadas, foi possível verificar alterações na narrativa ao traduzir de dialetos germânicos para o alemão formal. Alterações estas que podem ter ocorrido somente devido a uma escolha inocente de palavras na tradução ou de forma intencional pelo autor.

Posto isso, devemos pontuar a existência de discussões que diferem os conceitos de lenda e lenda urbana, encaixando a narrativa da Noiva da Lagoa somente dentro do conceito de lenda. À primeira vista tanto a lenda tradicional quanto a urbana possuem o mesmo primeiro critério, sendo ambas parte de um gênero comunicacional oriundo do folclore, incluindo adaptações do ambiente, cultura local e elementos extras fruto de quem conta a narrativa. Porém, estas adaptações não impedem de reconhecer que a lenda seria uma variação de outras (Renard, 2005). Por exemplo, podemos encontrar informações em comum na narrativa da Noiva da Lagoa com a da Maria Degolada, mesmo em cidades diferentes e envolvendo outros elementos da natureza. Um morro ou uma lagoa, ambas envolvem damas de branco mortas de forma violenta. Contudo, ambas não podem ser consideradas uma lenda urbana devido o segundo critério, que seria uma narrativa que apoia-se no real e que envolve os

medos atuais da nossa geração. Como roubo de crianças e tráfico de drogas. Podemos citar como exemplo de lenda urbana o boato de que uma moça teria tido os seus órgãos cozidos por ter realizado mais sessões de bronzeamento artificial do que o recomendado. Podemos perceber que além de envolver um elemento da vida moderna, o bronzeamento artificial, na narrativa a jovem é punida por seu excesso de vaidade e por não ter respeitado as orientações médicas. (Renard, 2007, p.100). Em outras palavras, as lendas urbanas pretendem provocar temor e alerta a partir de situações cotidianas e que não envolvem o mundo sobrenatural. Apesar do medo de fantasmas continuar atual, visto que as lendas sobre a Lagoa dos Barros ser assombrada continuam circulando, a lenda da Noiva por apoiar-se em elementos sobrenaturais, pode ser considerada uma lenda tradicional.

Ademais, é possível encontrar outras definições para os mesmos conceitos. Por exemplo, podemos citar o trabalho de conclusão de curso de Luiz Filipe Batista da Silva (2021), onde é feita a análise da lenda do escravizado que teria amaldiçoado a Igreja das Dores em Porto Alegre ao ser enforcado injustamente. No capítulo que contextualiza o conceito de lenda, da Silva (2021, p. 18 a 19) a define como um gênero narrativo coletivo, podendo ser comparado com o boato. A questão do urbano surge ao especificar que ele não está relacionado com o ambiente em que a lenda é difundida, se ele é urbano ou rural, e sim ao tipo de sociedade. Portanto, as lendas urbanas podem também ser chamadas de lendas contemporâneas, pois elas se relacionam mais à modernidade do que ao contexto geográfico. Nesse caso, a lenda urbana é um conto com elementos fantasiosos, que podem ser sobrenaturais, que teve como base uma história real.

2.1 “As trevas que transformam o medo *na* noite do medo *da* noite”: o imaginário do medo

A lenda da Noiva da Lagoa dos Barros possui elementos em sua narrativa que se assemelham a velhos medos seculares no imaginário da sociedade ocidental. Um dos principais deles é o medo das águas e os perigos que elas escondem. A noiva fantasma divide a Lagoa dos Barros com um suposto monstro marinho e uma cidade submersa, além dos temíveis redemoinhos que alguns afirmam ser a causa da presença ínfima de barcos na lagoa.

Nenhuma das hipóteses é confirmada, mas podemos entender o porquê das águas turvas causarem tanto temor e inspirarem “causos”. Por tempos incontáveis, os vastos oceanos e as águas profundas causavam curiosidade e temor em quem navegava e observava. Além de uma região pouco explorada e que não fazia parte do cotidiano de grande parte da população, havia o medo que águas profundas “devorassem” as pessoas. Segundo Delumeau (2009, p. 61): “É que a água, naquilo que tem de maciço, poderoso, incontrollável, profundo e tenebroso, foi durante milénios identificada como um antielemento, como a dimensão do negativo e o lugar de toda perdição.”

Podemos entender tal temor como um “medo secular”, fruto de uma herança dos nossos antepassados. Como bem define Bauman (2008, p. 09), “uma espécie de medo de “segundo grau”, um medo, por assim dizer, social e culturalmente “reciclado” [...] que orienta seu comportamento. [...], quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente” Tal qual as tradições, o medo também é transmitido por gerações pautando assim práticas sociais. O medo de perder-se nas águas, o medo do afogamento e do desconhecido. Podemos refletir se a suposta falta de embarcações na Lagoa dos Barcos refere-se a causas geográficas, que dizem respeito a correntes de água que desfavorecem a navegação, ou à cultura do medo que enraizou-se através dos séculos e alimentou o surgimento de lendas para justificá-los. Segundo Orlandi (2016, p. 23) “Sem esquecer que, como é pensada, em geral, a lenda sempre traz um fundo de verdade e são estórias fantásticas que têm uma origem histórica, construindo personagens que se apresentam como sobrenaturais.” De acordo com a análise de Delumeau, podemos perceber que o fundo de verdade também pode originar-se de um medo ou receio de um certo povo.

É afirmado, como veremos posteriormente no capítulo seguinte, que a noiva fantasmagórica, assim como outras assombrações, aparecem à noite na beira da lagoa ou na rodovia em frente desta. O medo da noite e tudo que ela esconde está ligado ao desconhecido e ao nosso instinto de sobrevivência. Ademais, havia nas sociedades antigas o temor da luz do sol nunca mais voltar após todo anoitecer, o que causava um medo constante do mundo acabar-se na escuridão. De acordo com Delumeau (2009, p. 32), “O medo é aqui o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária).” A privação do sentido da visão ativa o instinto natural de defesa, presente nos seres humanos e nos animais, deixando o indivíduo mais atento ao que se esconde nas sombras. Segundo Delumeau (2009), os perigos que os primeiros homens nas civilizações antigas eram expostos nas trevas transformou o medo *na* noite em medo *da* noite. A possibilidade do ataque de um

animal feroz sem poder prever sua aproximação devido à escuridão causou uma sensibilidade à noite por parte dos seres humanos. Eles podem ser considerados “perigos subjetivos”, pois a tensão constante de um perigo à espreita que se esconde na escuridão fez os indivíduos aguçaram os sentidos e fantasiarem ameaças. Por representar um perigo oculto nas sombras, a noite causa insegurança até nos adultos devido às possíveis armadilhas que ela pode trazer. Portanto, o temor acaba transformando a noite em trevas que guardam demônios, monstros e espectros. O fato dos seres humanos possuírem a visão mais apurada que os outros mamíferos, deixa-os mais vulneráveis quando esse sentido está prejudicado. Ademais podemos citar que “[...] a privação de luz atenua os “redutores” da atividade imaginativa. Esta, liberada, confunde mais facilmente do que durante o dia o real e a ficção e corre o risco de desorientar-se fora dos caminhos seguros.” (Delumeau, 2009, p. 142). Além disso, a escuridão traz à tona o que o próprio indivíduo tenta reprimir durante o dia, seus temores e a solidão. Portanto, a questão do temor por sua própria existência e segurança física faz surgir o medo que guia todos os outros: o medo da morte. De acordo com Schmitt (1999, p. 246),

Por seus efeitos materiais e simbólicos, o imaginário da morte e dos mortos reforça os laços sociais estabelecidos entre os vivos. No mesmo movimento, estes últimos constroem e pensam suas relações com os seres imaginários do além e com os outros homens deste mundo.

Não há nada mais misterioso que a morte, nada mais inevitável. Não há como conceber com total certeza o que ocorre no além, após a morte do corpo físico. Há milênios, as sociedades criaram de acordo com a sua cultura e visões de mundo crenças que buscam entender qual é o nosso destino após o coração parar e os demais órgãos cederem. A dificuldade de lidar com a morte, a própria e dos outros, principalmente mortes trágicas e inesperadas, causa temor e insegurança. Ao passar dos séculos, os mortos tiveram espaço na cultura e no imaginário ocidental, possuindo simbologias diferentes de acordo com o local e a época.³ De forma geral, os fantasmas têm a sua função e nem todos aparecem para qualquer pessoa. Posto que a existência dos espectros e de sua presença no mundo dos vivos depende totalmente do significado que os que ficaram atribuem a eles. Os mortos não possuem qualquer outra existência além daquela que os vivos lhe dão, como pontua Schmitt (1999, p. 243),

³ É importante mencionar as associações que Schmitt (1999, p. 32) faz entre o imaginário da sociedade cristã com a crença em fantasmas. Por exemplo, as próprias aparições de santos ou até mesmo Cristo.

Mas não é preciso inverter a proposição e antes dizer que é o vivo que agarra o morto? Com efeito, são os vivos que atribuem aos defuntos uma espécie de existência postmortem. Se têm a impressão de que os mortos tomam a iniciativa de lhes aparecer, são apenas eles, em seus relatos e suas imagens, seus fantasmas e seus sonhos, seu sentimento de culpa e sua cupidez, que fabricam o retorno dos mortos.

Devemos ressaltar que o imaginário dos fantasmas está ligado à forma que ocorreu sua morte e como foi o seu rito de passagem para um outro plano. Em sua maioria, os mortos voltam quando os ritos que incluem o funeral e o luto não puderam ser efetuados de forma adequada. Como nos casos de afogamento, assassinato ou suicídio.⁴ São mortos que faleceram de forma traumática e precoce, portanto de acordo com a nossa cultura eles teriam assuntos não resolvidos no mundo dos vivos. Podemos entender então que ao falecer vítima de um assassinato pelas mãos do namorado ou de um suicídio, Maria Luiza teve o seu destino natural interrompido e por isso ainda estaria presa à terra de alguma forma.

Não podemos deixar de destacar a problemática do lugar, a lagoa em si e seus arredores. Por si só, já seria um local propício para o aparecimento de lendas e causos de assombrações e monstros. As águas da lagoa são turvas e traiçoeiras devido ao vento constante, e a propensão para neblina e névoa cria um cenário fantasmagórico. Não é de se surpreender que a neblina cause a ilusão de estar vendo um véu de noiva na escuridão. A questão da cor branca é um ponto que pede uma maior análise. “O cromatismo dos fantasmas não é muito variado e permanece dos mais tradicionais: as oposições binárias que o caracterizam dependem do velho sistema indo-europeu das três cores fundamentais (branco, vermelho, preto).” (Schmitt, 1999, p. 226 apud Pastoreau, 1989). O branco do vestido e do véu da noiva pode facilmente ser uma ilusão de ótica criada pelo medo e pela névoa que nubla os sentidos na escuridão.

O crime ocorrido em 1940 que ocasionou na polícia encontrando o corpo de Maria Luiza Haussler afundado na Lagoa dos Barros alimentou as lendas locais já existentes e aumentou a área de assombração em torno de suas águas. A simples menção de que uma morte traumática teria ocorrido no local pode ser considerada um dos principais motivos para um local ser conhecido como assombrado pelo ponto vista da comunidade. Além de ter sido supostamente cenário de um assassinato ou suicídio, também permanece na memória esta carga de violência mesmo quando ela não recebe uma importância sobrenatural. Apesar das

⁴ Ver em Jean Delumeau (2009, p. 86) trabalho em que ele utiliza o estudo que reuniu quinhentos depoimentos sobre aparição de fantasmas no interior da Polônia recolhidos por L. Stomma. Pelos relatos, podemos concluir que a maioria dos espectros são de bebês natimortos que faleceram devido um aborto ou antes de serem batizadas. Também inclui suicidas, mães que faleceram no parto e demais pessoas que faleceram perto de uma ocasião especial como o casamento.

narrativas sobre a Noiva da Lagoa em sua maioria não serem condizentes com o que sabemos sobre o que aconteceu por meio dos autos dos processos, elas nos dizem sobre como a comunidade lidou com a memória desta morte trágica e como ela preencheu as lacunas do que teria acontecido com a jovem, qual era a relação com o seu assassino e as suas motivações para continuar “presa” no mundo dos vivos.

2.2 “Maria Luiza, Maria Francelina e Maria Bueno”: diferentes na morte assim como foram em vida

Assim como a morte trágica de Maria Luiza Haussler alimentou a lenda de uma figura fantasmagórica vestida de branco, o assassinato de outras duas Marias também fizeram as vítimas entrarem para o imaginário popular do sul do Brasil. Primeiramente, devemos contextualizar o que são as Damas de Branco e por que estas três moças, principalmente a Noiva da Lagoa, se inserem nesta categoria. De acordo com Sylvia Dion (2020, p. 40):

A Dama de Branco é uma expressão genérica do folclore universal para designar as diversas aparições de mulheres vestidas de branco: moças, noivas, santas, prostitutas. Vítimas em vida e após a morte, as Damas de Branco são fantasmas de jovens assassinadas ou que se suicidaram ou morreram de maneira trágica em acidentes.

Ademais, como já foi citado brevemente neste trabalho, as Damas de Branco em regra tiveram uma morte trágica que envolve homens de alguma maneira. Por exemplo: pode ser suicídio por ter sido abandonada pelo marido ou morta diretamente pelo mesmo. Dependendo da narrativa, elas podem ter voltado ao mundo dos vivos para ajudar ou para se vingar do seu destino interrompido. A cor branca do seu vestido é bastante simbólica, representando a luz e a pureza. Podemos ver como a questão da honra e da pureza do corpo e espírito é um elemento presente em diversas destas narrativas, principalmente dentro de uma categoria específica das Damas de Branco popularmente conhecidas como santas de cemitério, como veremos a seguir no caso de Maria Bueno e Maria Francelina.

Em uma capela no Cemitério São Francisco de Paula em Curitiba descansam os restos mortais da conhecida “Santinha de Curitiba”. O local é amplamente frequentado por devotos,

principalmente no feriado de Finados, que afirmam que a santa popular realiza milagres. A memória sobre a vida e a morte da dita santa, que chamava-se Maria da Conceição Bueno, passou por alterações no imaginário da população até tomar ares místicos. As narrativas em torno do caso são variadas, no entanto na versão mais próxima da realidade, e que consta no processo crime do caso e nos jornais da época, Maria Bueno teria sido degolada pelo homem com quem vivia sem ser casada em 1893. O assassino, Ignácio José Diniz, era um praça do 8º Regimento da Cavalaria e na noite do crime supostamente estava de guarda no quartel. Mesmo com motivos para assassinar a sua amásia, que teria sido os ciúmes por Maria ter ido para uma festa sem sua permissão, Diniz foi absolvido das acusações devido ao seu álibi. O fato de que o possível assassino não ter sido punido pela lei por causa do assassinato causou imensa revolta na população. Poucos anos mais tarde, durante a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, Ignácio foi fuzilado pelas tropas após ter sido flagrado roubando uma mula. Sua morte foi considerada pelos devotos de Maria Bueno como um castigo divino, dando a ele a punição que não recebeu da lei. De acordo com Piccoli e Serafim (2016, p. 420),

Embora, não exista comprovação do fato narrado, este, associado ao evento da morte violenta, possibilitou a existência do processo inverso, no qual os defensores de Maria Bueno, afirmam que, na verdade, a jovem teria morrido defendendo sua honra e virgindade de um algoz terrível, que não teria aceitado sua recusa para o sexo.

Apesar de ser a vítima de um crime bárbaro, a princípio, a imagem que os jornais da época apresentavam sobre a moça não eram as mais lisonjeiras. Descrita como uma moça “alegre”, que gostava de namorar e de dançar, parecia quase que a consideravam culpada pela própria morte. Sendo uma mulher pobre e parda⁵, sobre a qual ainda era alegado que atentava ao pudor e se prostituía, pois vivia em situação de concubinato, o que não era algo incomum para a época. Enquanto andava por esse mundo, Maria passava pelas mesmas provações de tantas mulheres pobres e em decorrência da sua morte foi julgada por suas supostas ações. Porém, a sua santificação após a morte pode ser explicada como possível pelas circunstâncias: a violência e o sofrimento a tornaram uma mártir. A prostituição aparece como passível de perdão divino, mesmo que o espírito da moça tenha sido fadado a vagar por toda a eternidade.

⁵ Como foi descrita no *Jornal do Comércio* de Curitiba na edição do dia 30 de jan. de 1893, retirado de Piccoli e Serafim (2016, p. 418).

Outro fato que contribuiu para a santificação da sua imagem, junto ao culto que já estava formando-se em volta dela, foi o romance *Maria Bueno* (1948) de Sebastião Isidoro Pereira⁶. A figura da Maria dos jornais e da Maria do livro são contrastantes. De um lado uma moça “alegre”, que vivia em concubinato com seu assassino e que não se encaixava nas representações de como uma mulher devia ser portar na época. Do outro, uma moça virtuosa e prendada, que não frequentava festas e não tinha nenhuma relação com Ignácio. O crime teria ocorrido por Maria ter negado os avanços de Diniz, que não soube lidar com a rejeição e a matou. Nesta versão da narrativa, que tornou-se a mais conhecida pelos devotos, Maria faleceu enquanto tentava preservar sua honra.

É importante pontuar as características da estátua que encontra-se na capela em que Maria Bueno é cultuada. Vestida com uma túnica branca e manto azul em conjunto com sua pele alva, traz à lembrança a imagem de Nossa Senhora da Conceição. O imaginário em volta da narrativa da “Santinha de Curitiba”, seus milagres e sua morte defendendo sua castidade, insere-se no imaginário cristão de santas populares. A sua santidade popular deriva do sofrimento e do penar. Mesmo os devotos que conhecem a versão da narrativa de que ela seria uma prostituta, não a condenam e até mesmo justificam suas ações.⁷ Entretanto, podemos perceber que ao tornar-se uma mártir, uma santa, Maria teve a sua aparência e história alteradas. O que pode ser explicado tanto por um moralismo ou até mesmo racismo velado, ou simplesmente pelo processo natural de circulação das narrativas. Um crime trágico real é contado tantas vezes, por tanto tempo, que torna-se uma lenda.

Quase na virada do século XIX, dia 12 de novembro de 1899, uma jovem moça foi assassinada no Morro do Hospício em Porto Alegre. Maria Francelina Trenes tinha 21 anos⁸ e em algumas das versões retratadas nos jornais da época vivia em relação de concubinato com o seu algoz, o soldado da Brigada Militar Bruno Soares Bicudo. Os motivos da execução de forma tão violenta são contraditórios, mesmo com testemunhas no local. O casal encontrava-se em um piquenique com outros homens e algumas mulheres “alegres”. De acordo com Bicudo, por conta de uma discussão Maria tentou agredi-lo duas vezes, a primeira com um cacete e a segunda com um cabo de ferro, e a degola ocorreu pelo

⁶ O romance pode ser considerado a primeira fonte impressa sobre Maria Bueno e que pretendia preencher as lacunas sobre a sua história, supostamente não sendo um livro de ficção (Serafim, Piccoli, 2016, p. 421).

⁷ Informação obtida na pesquisa realizada por Serafim e Piccoli (2016, p. 433) com os devotos que frequentavam o túmulo de Maria Bueno no Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba.

⁸ De acordo com Pesavento (2008), a idade exata de Maria Francelina é incerta. No processo crime, é afirmado que ela teria falecido com 21 anos de idade. Porém, nos registros das ocasiões em que ela foi paciente da Santa Casa de Misericórdia consta a idade de 23 anos (Pesavento, 2008, p. 346).

descontrole devido as provocações e o ciúmes. Já uma das testemunhas, um colega de Brigada do réu, afirmou ter ouvido Maria gabar-se de haver traído o seu amásio com outro homem, o que causou uma reação violenta em Bicudo. Pelo fato de grande parte das testemunhas serem amigos de Bicudo ou mulheres que podiam se sentir amedrontadas demais para relatar o que aconteceu, podemos supor que as afirmações acerca da honra e reputação de Maria são parciais. Inclusive, durante o processo, Bruno afirmava que seu descontrole foi em parte causado por encontrar-se embriagado, o que foi negado por seus colegas que afirmaram não haver bebidas alcoólicas no local. Ao alegar que estava com os sentidos nublados pela bebida, Bruno buscou defender-se. Ao desmenti-lo, seus colegas buscavam o mesmo.

A maior parte dos testemunhos, que inclui os demais homens presentes no piquenique, citam o ciúme como a principal causa do crime. Seja ele por Maria efetivamente ter ido em um canto afastado com outro homem ou por ter falado que o fez. Ao analisar o que era escrito nos jornais da época, encontramos variadas versões do crime. Alguns afirmam a hipótese da traição, outros dizem que Maria nem conhecia o Bicudo e foi morta por negar envolver-se romanticamente com ele. Em algumas das matérias de jornais, é justificado o comportamento de Bruno ao afirmar que “este era um pobre desgraçado, pois quem mata por ciúmes não é um miserável assassino” (Pesavento, 2008, p. 350). Um tipo de argumento de defesa também encontrado em matérias sobre Heinz, namorado de Maria Luiza, porém em maior peso.

Dito isso, é importante ressaltar o papel que a aparência física dos personagens desse crime brutal teve na opinião pública. Nos jornais, a imagem que foi montada de Maria Francelina era de uma moça jovem e loura, até mesmo atraente. Já Bicudo era apresentado como um homem de 40 anos “indiático”, com cicatrizes no rosto e mal encarado. A forma que foi executado o assassinato por si só já era algo traumatizante para a sociedade daquela época. A Revolução Federalista, conhecida popularmente como Revolta da Degola, havia tido fim há apenas 4 anos e sua memória ainda estava recente. O nome foi dado devido a violência extra utilizada, em decorrência de não se ter o costume de deixar prisioneiros em nenhum dos lados, o que causou um alto número de mortos para um conflito que durou apenas dois anos. Sendo Bicudo um soldado da Brigada Militar em um contexto em que a revolta recém havia acabado, não é de surpreender que ele tenha tido a habilidade para realizar a execução de forma tão rápida e que também a população tenha se compadecido

com o que ocorreu com Maria Francelina. Como vítima de um crime tão brutal, Maria teve sua imagem redimida pela dor e pelo sofrimento. De acordo com Pesavento (2008, 345-346):

Maria Degolada saiu do anonimato de uma vida de moça humilde, da banalidade de um cotidiano sem opções, para a memória dos pobres da cidade, iluminada pelas velas dos devotos. Depois de morta, tornou-se uma santa milagreira, mesmo uma virgem mártir.

O local onde Maria Francelina fora executada passou de um local de crime para um local de devoção. Onde antes era o Morro do Hospício, devido à proximidade com o Hospício São Pedro, hoje é conhecido como Morro da Vila Maria da Conceição ou popularmente Morro da Maria Degolada. O seu verdadeiro nome, Maria Francelina Trenches, fundiu-se à crença cristã e tornou-se Maria da Conceição. Um nome que combinava mais com uma santa popular. Apesar de sua narrativa ter sofrido alterações ao passar do tempo, tendo até versões em que ela teria cometido suicídio por um amor não correspondido, a lenda sobre uma moça de branco pelo Morro da Conceição passou de geração a geração. A parte da lenda que manteve-se fiel em todas as versões é a participação de um homem da Brigada Militar em sua morte. A versão do suicídio afirmava que ela enforcou-se em um galho de árvore por ter sido rejeitada por um brigadiano (Stein, Toniol, 2012). Não é difícil compreender o porquê dos moradores da Vila Maria da Conceição afeiçoaram-se à santa, visto a violência policial presente nas comunidades mais pobres. De acordo com a crença popular, Maria da Conceição não atende a pedidos de policiais e, por vezes, até aumenta o sofrimento dos mesmos. Ao ser assassinada por um policial militar ou ter se suicidado ao ser rejeitada por ele, Maria parece ser, para a população pobre, uma santa mais próxima deles. Portanto, em ambos os casos, as narrativas encaixam-se na ocorrência de uma morte trágica que envolve todas as Damas de Branco.

Podemos perceber nas narrativas de Maria Bueno e Maria Francelina mais de um elemento em comum. Ambas eram moças pobres, que foram acusadas de serem prostitutas na época dos assassinatos, que se relacionavam com militares e foram degoladas pelos mesmos. Para além disso, ambas tornaram-se mártires na memória popular e esta crença as transformou em santas populares. É interessante ressaltar a presença do elemento contraditório chave: de prostitutas a santas. Ao passarem por uma morte tão violenta, a imagem de ambas foi redimida no imaginário de pessoas que talvez julgassem outras mulheres por comportamentos semelhantes. Outro fator em comum entre elas, e isso inclui as

afirmações Heinz no julgamento da morte de Maria Luiza, é a parte sexual. Há as versões da narrativa em que Maria Bueno e Maria Francelina morreram enquanto defendiam sua castidade, o que envolve a honra destas mulheres. Já no caso de Maria Luiza, ela teria negado os avanços de Heinz a seu corpo, que ele considerava como sua posse. Na narrativa das três Marias, há a presença de uma das razões mais frequentes para que, supostamente, uma mulher se torne uma Dama de Branco: a morte por causa da defesa de sua honra.

Apesar de serem consideradas Damas de Branco, é evidente que as narrativas das conhecidas Santas de Cemitério possuem notáveis diferenças com a lenda da Noiva da Lagoa dos Barros. Começando com o elemento mais óbvio à primeira vista: Maria Luiza supostamente assombra a lagoa e a rodovia em torno desta, ela entrou no imaginário popular como um espectro e não como uma santa. Talvez isso se explique pelas circunstâncias do local em que seu corpo foi encontrado, nas águas de uma lagoa escura, que inspiram mais temor do que devoção.

Outra questão que pode ter contribuído para a construção da imagem de Lysinka como um fantasma foi sua morte violenta. Apesar de ter sido condenado a uma pena de sete anos de reclusão pelo o assassinato de sua namorada, Heinz nunca admitiu o crime, afirmando até a morte que Maria Luiza cometeu suicídio após atirar nele. A sua culpa seria somente de ter ocultado o corpo da jovem na lagoa, amarrando-o com tijolos. Seja um assassinato ou um suicídio, a sua morte trágica encaixa-se na narrativa fantástica de mulheres que assombram o local em que faleceram.

O contexto social em que elas estavam inseridas quando viviam é uma questão que deve ser levada em consideração. Tanto Maria Bueno quanto Maria Francelina eram moças pobres, consideradas pela sociedade como pessoas de segunda classe, com o detalhe de que a primeira não era branca. Seus assassinos eram ambos militares de baixa patente, fazendo parte da mesma classe social que as vítimas. Já Maria Luiza pertencia à alta sociedade de Porto Alegre, tinha uma boa reputação e sua moral foi pouco questionada nas matérias de jornais. Como por exemplo, após encontrarem o corpo de Lysinka e o mesmo passar pela perícia médica, o jornal *Diário de Notícias* publicou o resultado na primeira página. De acordo com os legistas, a jovem ainda era virgem e não havia ocorrido violência sexual, desmentindo as afirmações de Heinz de ter mantido relações com a namorada. Para o jornal,

o laudo que comprova a sua pureza serviu para “reabilitar a memória de Maria Luiza”⁹. Porém, devemos pontuar que mesmo com sua honra considerada intacta, Lysinka não escapou de ser retratada como sedutora e insinuante. Algo que será melhor explorado no próximo capítulo.

Tal qual Maria Luiza, o seu namorado participava do mesmo círculo social, apesar de ser considerado rebelde para o meio que ele estava inserido, a sua reputação foi poupada ao se mudar para o Rio de Janeiro depois de sua libertação. O imaginário que formou-se em volta delas após a morte incorporou elementos diferentes não apenas pelas circunstâncias e pelo local em que ocorreu o crime, como também pelas diferenças que elas possuíam em vida. Elas foram diferentes tanto na vida quanto na morte.

⁹ *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 22 de agosto de 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&Pesq=%22Madrugada%20de%20Domingo%22&pagfis=2419>. Acesso em 22 mar. 2022.

3 As narrativas que preenchem silêncios

Antes da morte trágica de Maria Luiza ser associada ao imaginário popular de uma noiva fantasma que assombra as margens da Lagoa dos Barros, o acontecimento recebeu ampla repercussão midiática, sendo noticiado todos os avanços do caso. Em virtude de Heinz nunca ter confessado o assassinato de sua namorada, portanto também não ter revelado as circunstâncias e as motivações do crime, os periódicos exploraram as hipóteses e fabricaram narrativas do que teria ocorrido. E estas narrativas foram a versão do caso que a população teve acesso através das matérias dos periódicos que consumiam. A proposta do presente capítulo é analisar semelhanças e divergências entre as narrativas publicadas nos jornais da época e das lendas, como uma forma de realizar um paralelo entre a narrativa mais próxima do real e a fantástica. Não é possível determinar seguramente se a lenda da Noiva da Lagoa dos Barros alimentou-se do que foi retratado na mídia da época, porém podemos supor que por ter sido um crime envolvendo pessoas da alta sociedade porto alegre e que recebeu uma grande atenção dos jornais, possivelmente contribuiu para que alguns aspectos das reportagens tenham chegado ao conhecimento da população que vivia próxima à lagoa e permanecido no imaginário da população.

Em 2019 o Instituto Geral de Perícias (IGP), ligado à Secretaria da Segurança Pública do Rio Grande do Sul, promoveu um evento para divulgar que haviam sido encontrados os laudos periciais do crime vinculado à lenda da Noiva da lagoa, os quais constavam de dois dos quatro volumes dos autos do processo. Minha hipótese é que tal divulgação contribuiu para o crescimento da produção de conteúdos sobre a noiva da Lagoa dos Barros e vinculou a imagem de Maria Luiza ainda mais à lenda. Para expor as diferentes versões da narrativa e como ela foi se modificando ao passar dos anos, principalmente após a divulgação dos laudos, os dois últimos subcapítulos apresentam a análise destas narrativas divididas em duas partes: inicialmente a versão da lenda retratada no docudrama da série Histórias Extraordinárias, e as produções que apresentam a narrativa mais próxima do crime. Apesar da intenção de retratar a realidade ou relatar uma situação assustadora, tanto as reportagens dos jornais quanto as lendas são formas de preencher as lacunas e silêncios presentes nas narrativas.

3.1. “Um drama de amor, de sangue e de mistério”: o crime na imprensa

“Um drama de amor, de sangue e de mistério”: foi com essas palavras que o jornal *Diário de Notícias* descreveu o crime que abalou a sociedade riograndense em 1940. As autoridades encontrarem em uma lagoa o corpo de uma bela jovem pertencente a uma família da alta sociedade certamente é um acontecimento que causa intensa repercussão pública em qualquer contexto. Um dos jornais de maior circulação na época, o *Diário de Notícias* noticiou amplamente o caso, mesmo antes do corpo de Maria Luiza ser encontrado. Quando Heinz Schmeling foi avistado no bairro Belém Velho com um tiro próximo ao pulmão esquerdo e as pessoas se perguntavam o que havia ocorrido com a sua namorada que encontrava-se desaparecida, os seus rostos já estavam sendo estampados na capa dos jornais. Quando o corpo de Maria Luiza foi encontrado na Lagoa dos Barros, os jornalistas dos principais jornais de Porto Alegre estavam presentes no local e retrataram a cena para a população:

De um baile elegante, de um ambiente de alegria, Lizinha fora terminar nas frias águas de Osório, cortando, de inopino, a sua existência de moça que recém conhecia a vida. A sua fisionomia mostrava serenidade, calma, parecendo dormir. [...] e em seus braços que parecem erguer-se num amplexo, numa recusa ou num apelo de justiça!¹⁰

Em sua capa, além da descrição da forma em que a jovem foi encontrada, também havia uma foto do corpo de Lysinka. Apesar dos dois dias que passou com o corpo submerso na lagoa, a jovem parecia encontrar-se em um sono sereno. A imagem de Maria Luiza, ainda com o rosto tranquilo e com os braços levemente estendidos como em um abraço, não se parecia com uma cena de um crime bárbaro. Podemos supor que esta imagem contribuiu para a narrativa fantástica que foi atribuída ao caso, pelo choque e deslumbramento ao ver que o corpo de Maria Luiza continuava em um bom estado de conservação apesar dos danos causados pela água da lagoa.

Além de envolver dois jovens de famílias da alta sociedade, o fato de ser um crime passionnal atraiu a mídia para explorar o caso o máximo possível. Podemos entender a forma que o crime da Lagoa dos Barros foi retratado nos periódicos como um crime de “sensação”.

¹⁰ *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 21 de agosto de 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&Pesq=%22lagoa%20dos%20barros%22&pagfis=2407. Acesso em: 23/03/2022.

De acordo com a historiadora Ana Gomes Porto, que analisa como a imprensa constrói ficções sensacionais a partir de crimes, “os crimes eram classificados de diversas formas e nem sempre considerados como sensacionais. Para fazerem parte da denominação tinham que apresentar um trágico acontecimento que normalmente acabava em morte.” Assassinato ou suicídio, o fato é que o evento possui características que prendem a atenção popular. Inclusive, devemos citar que o jornal *Diário de Notícias* fez uso dos artifícios mencionados por Porto: “Nos crimes de sensação a descrição do estado da vítima era, normalmente, completa e minuciosa. Provavelmente estampar referências às vítimas era uma das maneiras de tornar a notícia mais longa e segurar a atenção dos leitores e ouvintes por mais tempo.” (PORTO, 2004, p. 3). Em outras palavras, ao discorrer sobre o que os conhecidos diziam sobre o casal e o romance de ambos, ao ilustrar o caso com fotos do acusado e da vítima, o periódico teve como intenção elaborar uma notícia que parecia a mais completa para atrair o público.

Ademais, não podemos deixar de apontar que a exposição das imagens do corpo sem vida de Maria Luiza na capa de um jornal de alta circulação, principalmente sendo ela uma menor de idade, diz muito sobre o sensacionalismo da mídia e como ela explorou o caso. Sendo um possível crime envolvendo dois jovens da alta sociedade porto-alegrense, não é de se surpreender que qualquer avanço nas investigações tenha sido noticiado. O que é digno de análise é a escolha do que eles optaram por publicar e o que eles afirmaram sobre Maria Luiza Haussler e Heinz Schmelling. O jornal *Diário de Notícias* forneceu uma visão sobre como seria o relacionamento e o desentendimento ocorrido entre o casal de namorados que causou a morte de uma jovem de 17 anos.

Após Heinz ser encontrado com um tiro próximo ao peito e ter contado aos policiais a sua primeira versão do que teria acontecido naquela noite de sábado, a matéria que tomou a capa do jornal além de noticiar o que se sabia sobre o caso, já havia definido o que havia acontecido e o porquê. De acordo com o *Diário*, tudo indicava que Heinz havia assassinado Maria Luiza por ciúmes. Apesar de ter confessado apenas a ocultação do corpo, para o jornal que afirmava que “o encontro do indigitado *homicida* em Belem Velho, baleado no peito, e sua alegação, nada verossímil, de que fora alvejado pela moça desaparecida”¹¹, Heinz estava mentindo sobre a versão do suicídio e que Maria Luiza havia atirado nele antes do ato.

¹¹ *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 21 de agosto de 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&Pesq=%22Iagoa%20dos%20barros%22&pagfis=2407. Acessado em 23/03/2022. Grifo meu.

Mesmo afirmando que Heinz possivelmente havia cometido o crime, em algumas matérias o jornal buscava uma justificativa para suas ações. A narrativa apresentada sobre o réu era contraditória, por vezes mostrando-o apenas como alguém muito jovem para controlar suas emoções e por outras questionando se ele não estaria manipulando a situação. Por exemplo, na edição que relata o encontro com Heinz, apresenta-se a versão de que

[...]revela-se, incontestavelmente, um persona fora do comum, sob o ponto de vista criminológico, a ser verdadeira de que matou um camarada, depois de have-la raptado, tentantando em seguida suicidar-se, ou o que também é possível, simulando uma tentativa de suicidio, pois que, conforme parecia, exagerava ele, ao ser interrogado na polícia, seus sofrimentos e a própria gravidade da lesão.¹²

Porém, a narrativa mais encontrada no *Diário de Notícias*, e podemos citar também a matéria do jornal *O Momento* de Caxias do Sul, é a de que Heinz seria uma vítima de seu próprio temperamento e da imaturidade. Sendo ele, como dito anteriormente, oriundo de uma família da alta sociedade e, portanto, tendo acesso à melhor educação e os ditos bons exemplos, não é de surpreender que o julgassem como mais uma vítima das circunstâncias do que um assassino sangue-frio. Talvez se Heinz fosse um jovem de 19 anos de outra classe social ou etnia o modo como ele foi retratado nos jornais teria sido diferente. Podemos citar como exemplo o uso da palavra “vítima” para referir-se ao acusado em ambos os periódicos. No *Diário de Notícias*, é relatado sobre o tempo que Heinz passava chorando e chamando pelo nome de Maria Luiza, pedindo que o levasse junto a ela.¹³ Para o periódico, ele era um “pobre desgraçado vítima de sua paixão irrefreada”. Ao mesmo tempo em que Heinz é retratado como o possível assassino de sua namorada, o ato em si é visto como um rompante emocional de alguém muito jovem e apaixonado. Será que haveria a preocupação com o remorso e os sentimentos do acusado se o réu fosse outro? Na reportagem do jornal *O Momento*, essa abordagem do caso foi além de apenas justificar o crime cometido pelo réu,

Heinz Schmelling é uma vítima de seus próprios instintos, não teve forças nem experiência para controlar seus nervos. não soube suportar com resignação o desprezo da mulher amada, e como juiz absoluto de sua vontade ditou a sentença inexorável de sua indefesa vítima, e ditou sua própria sentença cem vezes mais cruel que o túmulo frio da morte, onde repousa tranquilamente o corpo inanimado de sua infeliz namorada.¹⁴ [aqui faltou a referência do Momento]

¹² Idem.

¹³ *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 4 de setembro de 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&Pesq=%22lagoa%20dos%20barros%22&pagfis=2575. Acesso em: 23/03/22.

¹⁴ *O Momento*. Caxias, 2 de setembro de 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882615&pesq=%22lagoa%20dos%20barros%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=1938>. Acesso em: 29/04/22.

Devemos ressaltar que, ao mesmo tempo que os periódicos citados acima buscam uma justificativa para as ações de Heinz, eles também utilizam a forma como retratam a verdadeira vítima para semelhante propósito. Ao usar os ciúmes por Maria Luiza ter dançado com outro homem como motivo que desencadeou a raiva de seu namorado, com quem tinha uma relação supostamente turbulenta há anos, é atribuída culpa à vítima. De acordo com esse ponto de vista do crime, podemos citar a semelhança com os processos de “legítima defesa da honra”, apesar disso não ter sido explorado pela defesa pois Heinz nunca admitiu o assassinato. Ademais, a beleza de Maria Luiza e a atração que o réu sentia por ela também foram citadas no jornal *Diário de Notícias*, inclusive com o depoimento do próprio delegado que investigava o caso. Em declaração para o periódico, o Dr. Armando Gadret afirmou ter convicção de que “a beleza e sedução da jovem, havia dominado completamente o rapaz.”¹⁵.

Outro fator importante a ser levantado é o do noivado entre ambos. Como dito anteriormente, Maria Luiza não era uma noiva oficialmente, apesar de ter permanecido no imaginário popular como uma. Porém, analisando as edições do *Diário de Notícias* em que o caso e as decorrências do mesmo são abordados, vemos mais de uma vez referências ao tal noivado. Como por exemplo, quando é relatada a versão de Heinz em que ele teria forçado relações íntimas com Maria Luiza para que a família dela não tivesse opções além de aceitar o casamento.¹⁶ A questão do noivado entre o casal pode ter aparecido com tal frequência exatamente para sugerir um relacionamento mais sério do que um “namorico” adolescente, sendo por isso citadas as palavras “casamento” e “noiva” por Heinz. Ademais, por ser um relacionamento de 3 anos entre duas pessoas jovens em idade para casar e ainda de famílias tradicionais, há a possibilidade de presumirem que havia um entendimento entre ambos que iria conduzir a um casamento em breve.

É possível que a transformação de Maria Luiza na noiva da lenda da Lagoa dos Barros, na tradição das Damas de Branco, tenha relação com as notícias que citavam o noivado entre os dois jovens que circularam amplamente na época, provavelmente também por meio do rádio. Mas isso é apenas uma suposição. Por outro lado, podemos perceber alguns elementos

¹⁵ *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 4 de setembro de 1940. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&Pesq=%22lagoa%20dos%20barros%22&pgfis=2575. Acesso em: 28/03/22.

¹⁶ *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 21 de agosto de 1940. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&Pesq=%22lagoa%20dos%20barros%22&pgfis=2407. Acesso em: 28/03/22.

em comum com as narrativas fantasiosas que se originaram após o crime na forma como ambos foram retratados em um periódico de alta circulação. Considerando que o crime real ocorreu há mais de 80 anos e sabendo que toda vez que um “causo” é contado, sua narrativa é um pouco alterada de acordo com *quem* conta e *como*, não é de surpreender que a história de Maria Luiza tenha se modificado tanto ao ponto encontrarmos poucas semelhanças entre as narrativas da lenda e a produzida pelos jornais.

3.2 “Uma noiva enforcada por seu próprio véu”: Versões de uma narrativa adaptada ao imaginário local

O documentário “Lagoa dos Barros”, produzido pela RBS TV em 2001, a filial gaúcha da rede Globo, talvez seja a referência de obra televisiva mais famosa quando pensamos na lenda da Dama da Lagoa. Apesar de ser uma suposição de que as versões apresentadas no documentário serviram de referência para as fontes que serão analisadas a seguir, provenientes da internet, o fato do caso ter sido dramatizado por uma rede televisiva local de alta repercussão e atualmente ainda estar disponível no site da emissora podem ter aumentado a circulação de tais versões.

A produção fazia parte da programação Curtas Gaúchos, que consistia em documentários e programas de ficção produzidos pelo Núcleo de Especiais no Rio Grande do Sul da RBS, exibidos todos os sábados, às 12h20. Apesar dos assuntos dos curtas metragens terem sido variados, o recomendado aos redatores era que as histórias deveriam ter relação com a cultura do estado (ACKER e ROSSINI, 2014, p. 44). O maior enfoque nas tradições e crenças gaúchas estavam presentes principalmente na série “Histórias Extraordinárias”, na qual o episódio “Lagoa dos Barros” estava incluso. Entre o drama e o documentário, pertencendo a um gênero conhecido como docudrama, a série buscou retratar lendas populares do Rio Grande do Sul que mexem com o imaginário da população. De acordo com os jornalistas Silva e Delgado (2005, p. 3), no artigo em que analisam as lendas urbanas retratadas na RBS e como elas podem ser transformadas em produtos midiáticos, eles definem que:

(...) a série Histórias Extraordinárias, composta por 13 episódios que tem como fio condutor, a cada programa, uma “lenda urbana”, ou seja, histórias reais que tenham acontecido em uma determinada região do Rio Grande do Sul. Os episódios são unitários do gênero docudrama, que consiste em um documentário realizado por meio de narração e entrevistas, mesclado com cenas de dramaturgia.

Apesar de pretender apresentar ao público a dramatização de “histórias reais” gaúchas, podemos perceber que as duas versões retratadas no docudrama não se parecem com a narrativa do crime da Lagoa dos Barros. Independentemente de ter a participação de uma historiadora nas entrevistas, não podemos determinar se foram utilizados somente os testemunhos dos locais, baseados nos relatos orais, ou se houve algum trabalho de pesquisa na elaboração do documentário. Não há nos créditos ao final do episódio menção às fontes de onde eles retiraram as versões apresentadas. Porém, podemos utilizar as entrevistas e a dramatização das versões da narrativa apresentadas como relatos orais da lenda, como amostras da forma pela qual a população de Osório e região se recorda do que aconteceu há décadas e como a morte trágica de uma jovem incorporou-se no imaginário local. Além do processo de alteração da narrativa do crime ao passar dos anos e das vezes que a história foi contada e recontada, podemos ver no documentário como a RBS optou por apresentar estas narrativas e o que a emissora escolheu mostrar. Sendo uma série que pretendia retratar e ressaltar a cultura e tradições do Rio Grande do Sul, podemos refletir acerca de por meio de quais dispositivos as narrativas apresentadas evocam a cultura riograndense, bem como o porquê de certos crimes marcarem a população ao ponto de se transformarem em lendas urbanas e fazerem parte do imaginário local. De acordo com Rossini (2008, p. 38),

O processo de seleção está relacionado com questões de valores, de interesses, que envolvem aspectos pessoais e subjetivos, pois é através deles que o ser conferirá sentido ao real (visível e invisível!), a fim de fazer suas escolhas. Isso porque o real não é algo dado, plasticamente pleno de significados, captados pela simples abertura do visor de uma câmera. É o ser que atribui significados ao mundo a sua volta, e é a partir desses significados que ele fará suas escolhas, com o intuito de registrá-las.

No citado docudrama, a primeira versão dramatiza um casal recém casado, caminhando pela beira da Lagoa dos Barros após a cerimônia. Sem aviso, a moça é surpreendida pelo ataque de seu noivo. Possivelmente possuído pelos maus espíritos da lagoa, o noivo estupra e enforca sua nova esposa com o seu próprio véu. Já a segunda versão apresenta um motorista apaixonado pela filha de seus patrões. Inconformado que a jovem estava de casamento marcado com outro homem, ele a leva até a lagoa e tira sua vida. Em ambas as narrativas, Maria Luiza foi encontrada morta nas águas da lagoa em algum momento da década de 1930. Sendo assim, a maior semelhança que encontramos entre as narrativas retratadas no episódio é o nome da vítima.

Todavia, podemos perceber nas versões elementos que podem ter sido obtidos a partir das notícias dos periódicos sobre o crime real. Sabemos que Maria Luiza não foi assassinada por seu marido após a cerimônia ou por ciúmes devido um amor não correspondido do seu motorista, mas há na narrativa a presença de duas questões relevantes: o estupro e o crime passionnal em si. Como foi discutido anteriormente, Heinz afirmou ter forçado relações com a namorada, pois o seu corpo o pertencia. Não é possível afirmar com certeza que os locais leram no *Diário de Notícias* ou em outro periódico sobre o estupro, ou se podem ter se informado oralmente sobre, porém é um tema interessante para ser melhor analisado. Além disso, podemos também supor que a questão do estupro pode ter mais relação com um acréscimo à violência sofrida pela noiva ao ser assassinada do que uma referência ao abuso real. Além do que, violências sexuais não são incomuns, principalmente em relações matrimoniais ou de namoro, portanto não é de se surpreender que seja um elemento atribuído a lenda. A violência sexual também pode ser relacionada ao crime passionnal. Apesar da narrativa da lenda não ser a mesma do crime real, nas três versões há um crime cometido por um homem apaixonado ou pela paixão por um homem. No caso das narrativas da noiva enforcada pelo próprio véu e do motorista enciumado, podemos relacionar o relacionamento amoroso entre o casal no primeiro caso, incluindo o possível abuso sexual, e o ciúmes no segundo com a narrativa do crime real.

O aporte utilizado para conferir credibilidade ao docudrama, as entrevistas com os moradores locais, também serve para aproximar o telespectador ao que está sendo mostrado. São pessoas comuns, contando experiências sobrenaturais que aconteceram com eles ou com conhecidos em uma pequena cidade do litoral do Rio Grande do Sul. Pela Lagoa dos Barros ser localizada em uma região muito conhecida por parte da população gaúcha, por encontrar-se no caminho que conduz a praias do litoral norte, ouvir os relatos de uma assombração que pode ser avistada na estrada aproxima a audiência do que é exibido no documentário. Uma mistura entre o real, representado pelas entrevistas, e a ficção, apresentada na dramatização dos eventos. De acordo com Silva e Delgado (2008, p. 13)

[...]do ponto de vista do produto em si, um roteiro criado tendo como alicerce as lendas urbanas (elemento da comunicação popular) de uma determinada região, acreditamos ter um forte apelo emocional e de curiosidade pela proximidade das pessoas aos temas e aos personagens. Quando existe uma “história”, uma “lenda” que ronda um local, cada pessoa, cada família, cria sua própria versão, seu próprio roteiro em torno dos acontecimentos. Ver algo tão próximo do seu imaginário retratado na televisão (considerado um veículo que retrata, geralmente, situações distantes da realidade das pessoas, com exceção dos noticiosos regionais) nos parece uma boa forma de atrair a audiência. E no caso das séries especiais

produzidas e exibidas na RBS, essa hipótese foi comprovada através dos números de audiência e da repercussão na sociedade gaúcha.

A afirmação de um dos moradores, Nepomuceno da Silveira¹⁷, de que estava presente na retirada do corpo de Maria Luiza é uma questão digna de discussão. Quando o documentário foi produzido, possivelmente um pouco antes de ser lançado em 2001, o crime já havia ocorrido há pelo menos 60 anos. Não podemos determinar com certeza a idade do agricultor, porém podemos considerar que se ele realmente viu a cena, ele a viu quando criança. Não é uma situação impossível, levando em conta que Nepomuceno é um senhor de idade, todavia também há a possibilidade de ter sido uma memória herdada da comunidade. Sabemos que populares ajudaram pela busca do corpo de Maria Luiza, então realmente houve pessoas na comunidade que viram a cena. Portanto, as lembranças podem ser referentes a algo que talvez um parente ou um vizinho tenha assistido e relatado para a vizinhança, tornando-se uma memória coletiva, que de tanto a pessoa ouvir e relembrar, ela incorpora a lembrança como sua e insere-se na cena. De acordo com Pollack (1992, p. 4 e 5),

[...]a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

Outro aspecto do documentário importante de ser ressaltado, é que em nenhum momento foi informado se o casal protagonista da narrativa era morador local ou da capital. Podemos então supor, pela parte da narrativa que determina a Lagoa dos Barros como local do crime, seja na versão do motorista quanto na do noivo, de que ao assistir ao documentário ou ouvir o caso de alguém, o receptor logo assume que o caso ocorreu com pessoas que faziam parte da comunidade de Osório ou Santo Antônio da Patrulha. Este detalhe pode ser explicado pela incorporação da narrativa à comunidade em que ela ocorreu. Ao ser contada e recontada, a narrativa foi perdendo e recebendo elementos de acordo com quem a relatava, virando parte da cultura e da memória coletiva da região. Quando se conta uma narrativa, o natural é incorporar elementos para facilitar a identificação do receptor com a narrativa.

Podemos apontar que apesar de Maria Luiza e Heinz serem da classe alta porto-alegrense, a notícia sobre o crime chocante não circulou somente no próprio círculo

¹⁷Nepomuceno da Silveira, agricultor, em depoimento presente no citado docudrama.

social deles. O fato de transformarem o casal em recém casados que passeiam pela beira da lagoa após a cerimônia pode ser um indício de uma "tradução" cultural da narrativa de acordo com os costumes e tradições da comunidade. Como vimos anteriormente, lendas de Damas de Branco em locais como rodovias e lagoas estão presentes em diversas culturas e localidades diferentes, então seria possível que já existissem narrativas sobre uma noiva fantasma na Lagoa dos Barros antes da morte da Maria Luiza. É possível perceber ao assistir ao documentário que a lagoa desperta diversas teorias acerca de redemoinhos inesperados, cidades submersas e monstros marinhos que vão além da assombração de uma noiva fantasma. Por isso, é preferível apontar que o Crime da Lagoa alimentou narrativas sobre um local que já era considerado misterioso para a comunidade local, não criando sozinho esta atmosfera insólita.

Com a popularização da internet, versões diferentes sobre quem seria a Noiva que afirmam assombrar a Lagoa dos Barros e qual seria sua história passaram a ser apresentadas para um público bem mais amplo. E como costuma acontecer, não é incomum que a narrativa sofra alterações nesse processo. Ademais, é possível perceber os elementos em comum entre as narrativas e também com o crime real ocorrido em 1940. Assim como sucede com as lendas em geral, não é possível verificar o verdadeiro autor da versão que está sendo contada e quantas alterações esta narrativa recebeu ao passar do tempo. Apesar das postagens e das matérias possuírem o nome de quem as escreveu, não se pode descartar que essa versão tenha sido retirada de algum outro lugar. Na maioria das postagens não são informadas quais fontes foram utilizadas para escrever a narrativa, portanto elas serão analisadas como narrativas ficcionais. Dito isso, devemos assinalar que a internet possibilitou o acesso a diversas versões diferentes de uma mesma lenda, o que justifica a escolha das postagens como fonte de pesquisa.

Na escolha das fontes que envolvem blogs e sites, foi verificado que as duas narrativas presentes no documentário da RBS são as mais citadas em diferentes sites, possuindo algumas alterações. Podemos pontuar que estas alterações são realizadas de acordo com o tipo de site ou blog de qual foi retirada a narrativa. Em blogs cujo conteúdo tende ao sobrenatural, é possível verificar que a versão da lenda recebe mais detalhes e elementos místicos em sua narrativa. Como por exemplo, na postagem presente no blog Mistérios

Fantásticos¹⁸, cujo conteúdo das matérias geralmente envolvem casos insólitos e fantasmagóricos:

Para aumentar a fama de assombrada, a lagoa é o cenário de um crime do início dos anos 30, conta-se que uma noiva foi assassinada na volta de seu casamento, na estrada que passa perto da lagoa, uma versão conta que o motorista a matou, mas a **história verdadeira e divulgada no jornal** [grifo meu] conta que o próprio marido foi o criminoso, que a matou na estrada enforcando-a com o véu, logo após, jogou seu corpo na lagoa. Desde então, a alma da noiva chamada Maria Luíza Häussler ficou penando nas margens da lagoa e na estrada onde foi morta, agonizando e até pedindo carona para motoristas que com o tempo evitaram passar pela estrada assombrada. A noiva é uma das inúmeras outras lendas brasileiras de Mulheres de Branco que sempre aparecem pedindo carona na estrada, a Noiva da Lagoa dos Barros é a versão gaúcha, uma alma penada, também conhecida como A dama da lagoa.

Os mais corajosos costumam levar oferendas para a tal noiva, como batons e bijuterias, com o fim de ter uma viagem tranquila sem acidentes, os que passam com desrespeito e zombaria, se tornam vítimas da aparição, que causa acidentes e até mesmo morte.

Além do sensacionalismo, ao citar que a aparição da noiva causa acidentes na estrada que podem ser até fatais, devemos destacar a parte que grifamos na postagem em que afirmam ser “a história verdadeira e divulgada no jornal”. Tanto pelos jornais da época quanto pelo processo crime do caso, sabemos que a história do crime não condiz com o relatado acima. A única semelhança encontrada é o nome da jovem, sendo o nome do possível marido e assassino nem ao menos citado. Podemos supor que a afirmação de veracidade dita na postagem é um recurso para causar credibilidade e dar a impressão de que ali se encontrava a versão real do acontecido. É interessante ressaltar que apesar de não ser uma fonte confiável, a postagem menciona que a lenda Noiva da Lagoa dos Barros insere-se dentro da narrativa das Mulheres de Branco. Ao citar a semelhança da narrativa desta lenda com a de outras que incluem assombrações femininas vestidas de branco em rodovias, possibilita que o leitor lembre de “causos” de sua região e sinta familiaridade com a história.

Podemos encontrar a mesma narrativa, em uma versão resumida, em um popular site de notícias de Porto Alegre, denominado Porto Alegre 24h¹⁹.

Há uma lenda que se destaca: o caso da noiva-cadáver. Maria Luiza teria sido morta e agora o seu vulto, vestido de branco, assombra os visitantes.

¹⁸ Farias, Erik. Aparições da Lagoa dos Barros. 11 set. 2014. Disponível em: <https://misteriosfantasticos.blogspot.com/2014/09/aparicoes-da-lagoa-dos-barros.html>. Acesso em: 28/03/22.

¹⁹ SUPERSTIÇÕES da Lagoa dos Barros mexem com imaginário as margens da Freeway. Zero Hora, Porto Alegre, 09 fev. 2013. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2013/02/supersticoes-de-lagoa-dos-barros-mexe-m-com-imaginario-as-margens-da-freeway-ck17t5bfp01r701n36xkj5puk.html>. Acesso em: 28/03/22.

A história surgiu de um crime real: na década de 1930, uma moça foi encontrada morta na lagoa. Para espanto dos que a encontraram, a jovem permanecia intacta, mesmo depois de dois dias submersa.

Não se sabe o real desfecho, mas a versão mais comentada é de que, logo após a cerimônia, os noivos foram passear pela lagoa e o homem, talvez possuído pelos espíritos malignos do lugar, enforcou a esposa com o próprio véu.

Outro rumor diz que um motorista da família, apaixonado e não correspondido, teria assassinado Maria Luiza e jogado o seu corpo na lagoa. Até hoje o crime não foi esclarecido, o que só aumenta a história em torno da noiva-cadáver.

Vemos novamente a questão do “crime não esclarecido”, como justificativa para o aumento de hipóteses e narrativas acerca da morte misteriosa da Noiva da Lagoa dos Barros. Podemos supor que as narrativas encontradas neste site, cujo conteúdo teve como fonte o blog Mega Curioso²⁰, seria uma versão resumida das narrativas que foram apresentadas no documentário da RBS. Podemos ver na matéria do Porto Alegre 24h que exibiram a foto real da moça, a mesma que foi utilizada nos periódicos da época do crime. É interessante apontar que a postagem original, já contendo a foto mencionada, foi publicada meses antes da divulgação dos laudos da perícia. Portanto, este fato justificaria o uso das versões fantasiosas, mas não explica a presença da foto e de qual fonte ela poderia ter sido retirada. Outro ponto a se destacar, é a parte da matéria que menciona o fato de terem encontrado o corpo intacto da Maria Luiza, após dois dias submerso nas águas da lagoa. Este elemento da narrativa, que condiz com a realidade, é único ponto que não estava presente no docudrama. Porém, também é um quesito que pode despertar uma conotação sobrenatural ao ver as imagens do corpo bem preservado da jovem nos jornais e ao ler o que foi falado sobre o seu estado ao ser encontrado. Estas questões trazem os questionamentos: em que momento as duas narrativas, que vimos anteriormente no episódio da série Histórias Extraordinárias, receberam o acréscimo deste elemento do crime real? De que fonte foi retirada a foto da Maria Luiza, sendo que a narrativa da postagem não condiz com o que foi relatado nos jornais ou no processo crime?

Em outro site do grupo RBS, o portal Gaúcha ZH, encontramos uma reportagem sobre os mistérios da lagoa e a história de uma noiva que assombra a região. Utilizando mais os relatos de pessoas que frequentam a lagoa a trabalho do que descrevendo as circunstâncias da morte de Maria Luiza, a matéria assume a perspectiva sobrenatural do caso. Algo que já podemos antecipar ao ler o nome da reportagem: “Superstições da Lagoa dos Barros mexem

²⁰ Matéria escrita por Camila Galvão, analisando as outras postagens da mesma redatora podemos notar que este tipo de conteúdo é um dos mais presentes. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/lendas-urbanas/100355-lendas-urbanas-a-lagoa-dos-barros-e-a-cidade-submersa.htm>. Acesso em 09 de abr. de 2022.

com imaginário às margens da freeway”²¹. É importante ressaltar a alusão à estrada em que Maria Luiza é avistada no título. Optar por pôr o nome da estrada mais usada pelos gaúchos para ir até o litoral norte, é possivelmente uma escolha feita para atrair os leitores.

Na lagoa mais misteriosa do litoral norte, não há barcos navegando porque um redemoinho gigantesco suga tudo para o fundo, feito de areia movediça. Na lagoa mais misteriosa do Litoral Norte, não há peixes, e sim uma cidade submersa que faz brotar da água a cruz da sua igreja em tempos de seca, o terrível fantasma de uma **noiva morta**²² (grifo nosso) e até a versão gaúcha do monstro de Loch Ness.

Essas são lendas da Lagoa dos Barros, aquela que é uma beleza de paisagem para quem segue pela freeway, rumo às praias. São histórias que se perpetuam há décadas e até hoje intrigam. A origem da superstição remonta a um crime ocorrido na década de 1940 nas cercanias da antiga — e mal-assombrada? — usina Açúcar Gaúcho S/A (Agasa), cuja velha chaminé desativada também pode ser vista da rodovia.

A Agasa funcionou até 1989. Mas o funcionário Milton Nunes, hoje com 64 anos, trabalhou no prédio vazio até 2003, quando se aposentou. Foi nesse período que conheceu O TERROR. Ele era vigia do patrimônio abandonado. Um momento de sua ronda noturna era apavorante. Tratava-se de uma passagem entre os prédios. Quando a percorria, os cabelos ficavam em pé.

— Era ela que estava ali — recorda.

Ela, a noiva. Maria Luísa foi morta pelo noivo há cerca de 70 anos e teve o corpo jogado na lagoa. Desde então, assombra a rodovia nos arredores da Agasa, próximo ao local do crime. As vítimas preferidas são caminhoneiros. Muitos dizem tê-la visto passeando pela freeway, de vestido branco. A experiência não deve ter sido legal, já que alguns deixaram de trafegar por ali. A noiva que perambula também virou desculpa para acidentes, o que a polícia sempre desconfia e atribui a aparição a outras causas, como a sonolência que leva a sonhar acordado com noivas mortas — e a sair da estrada e quase espatifar o caminhão.

Em uma leitura superficial, é possível perceber que apesar de não apresentar um relato com mais características sobre a lenda, há um grande acerto e dois erros. O ano da morte de Maria Luiza, em 1940, está correto. Novamente, ela é descrita como uma noiva, assim como o foi nas duas versões da narrativa presente no docudrama produzido pela mesma emissora. Há um pequeno equívoco na grafia do segundo nome da jovem, que a reportagem afirma ser “Luísa”. Porém, é interessante analisar que nas duas abordagens realizadas pelo grupo RBS sobre a lenda da Noiva da Lagoa há semelhanças na maneira de tratar sobre ela. Em ambas há um grande espaço para o sobrenatural e para os relatos de pessoas que moram ou frequentam

²¹ Retirado da reportagem “Superstições da Lagoa dos Barros mexem com imaginário as margens da Freeway. *Zero Hora*, Porto Alegre, 09 fev. 2013. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2013/02/supersticoes-de-lagoa-dos-barros-mexem-com-imaginario-as-margens-da-freeway-ck17t5bfp01r701n36xkj5puk.html>. Acesso em 09/04/2022.

²² Na reportagem original, há um link para a notícia sobre os laudos do Crime da Lagoa encontrados em 2019. Considerando que a reportagem foi escrita 6 anos antes da redescoberta dos dois volumes desaparecidos, podemos entender que ela foi atualizada para conter essa informação. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/10/laudos-do-crime-que-gerou-a-lenda-da-noiva-da-lagoa-dos-barros-sao-encontrados-ck171b4nm01od01n3h56huwqh.html>. Acesso em: 24/04/2022.

a região, citando que a presença da noiva é mais notada pelos caminhoneiros. Podemos perceber também que além de apresentarem mais enfoque na noiva fantasma, há a listagem de todos os mistérios que cercam o local, algo que também é explorado no docudrama. Na citação abaixo, é possível confirmar que a data do falecimento da jovem está correta, o que indica que nos 12 anos entre a reportagem e o episódio da série *Histórias Extraordinárias* houve uma pesquisa um pouco mais eficiente sobre o caso:

As lendas²³

A noiva: morta pelo noivo na década de 1940 na altura da Agasa, Maria Luísa até hoje dá o ar da graça a caminhoneiros e moradores da região, juram eles.

A cidade submersa: uma cidade existia no lugar da lagoa em tempos imemoriais. Qual Sodoma e Gomorra, foi punida com a extinção. Hoje, quando o nível da água baixa, dizem que a cruz da igreja aparece. A lenda derivou para outra suposição. No local haveria um campo de instrução militar, e a cruz seria uma marcação para tiro. Aeronáutica e Exército não confirmam.

O monstro: obviamente uma lenda assim iria surgir. Faça uma busca no YouTube e você encontrará o vídeo do peixe monstro da Lagoa dos Barros. Assista e decepcione-se com um peixinho que abre e fecha a boca múltiplas vezes.

O redemoinho mortal e a ausência de navegação: sério, você já viu algum barco navegando na Lagoa dos Barros? Nem eu. E isso não é por nada. A ventania ali é tão forte que as embarcações são jogadas para lá e para cá ao sabor do vento. Acabam virando e, se a pessoa está sem colete salva-vidas, pode morrer. O efeito do jogo do vento se assemelha a um redemoinho tragando tudo. Não é por acaso que o Parque Eólico foi construído na região.

A areia movediça: o fundo da lagoa é lodoso. Por isso teria recebido o nome Barros (na verdade, leva o nome de um dos primeiros moradores da região, Manoel de Barros Pereira). Não há registro de areia movediça submersa. Ao menos ninguém voltou para contar.

Ligação subterrânea com o mar: é o que se fala para explicar o aspecto turvo da água e as ondas formadas em dias de temporal além do tamanho da lagoa, que tem cem quilômetros quadrados e profundidade de até sete metros. Dizem que quando a maré baixa, o nível da lagoa acompanha. Pesquisadores já encontraram vestígios marinhos no local, ligados a um passado remoto em que a área da lagoa fazia parte de uma grande baía.

Ademais, é importante ressaltar o apelo ao público presente nas duas abordagens. Em ambos podemos encontrar uma espécie de interação com o receptor, algo notável tanto no tom de diálogo que há na reportagem acima quanto com as entrevistas no docudrama. É possível relacionar esse procedimento não só a uma tentativa de aumentar o número de visitantes no portal ou de telespectadores no docudrama, mas também como algo que ocorre ao contar uma lenda. Como salienta Ellis (2001, p. 10): “Diferentemente dos contos, que em

²³ Retirado da reportagem Superstições da Lagoa dos Barros mexem com imaginário as margens da Freeway. Zero Hora, Porto Alegre, 09 fev. 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2013/02/supersticoes-de-lagoa-dos-barros-mexe-m-com-imaginario-as-margens-da-freeway-ck17t5bfp01r701n36xkj5puk.html>>. Acesso em: 09/04/2022.

geral são separados de uma conversação normal e ouvidos sem interrupções, as lendas devem ser vistas como parte de um evento comunitário em que o papel do público é tão importante quanto o dos narradores”. Sendo uma prática social, o ato de relatar um caso para uma pessoa, ou milhares delas como no caso da reportagem e docudrama, cria uma proximidade entre quem conta e quem escuta.

3.3 “A história arrepiante da noiva da Lagoa dos Barros”: O crime real e os elementos sobrenaturais

Se o docudrama produzido pela RBS possivelmente foi a produção com maior audiência sobre a lenda da Noiva da Lagoa, o vídeo presente no canal do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul²⁴ talvez seja uma das narrativas precursoras que explica sobre o crime real que causou a morte de Maria Luiza Haussler. Produzido a partir dos dois volumes do processo crime em posse do Memorial do Judiciário e contando com uma servidora do setor e uma estagiária, o documentário, intitulado “A história arrepiante da noiva da Lagoa dos Barros”, com pouco mais de 10 min de duração apresenta um panorama sobre quem eram os dois jovens envolvidos no crime e as circunstâncias que levaram a ele.

Como nas outras fontes analisadas, o vídeo inicia expondo os mistérios e lendas que envolvem a Lagoa dos Barros. Uma cidade submersa, cuja torre da igreja é possível avistar em certos dias. Redemoinhos mortais que atraem embarcações e pessoas até o centro da lagoa. Uma noiva fantasma que aterroriza caminhoneiros, viajantes e moradores da região. De acordo com o documentário, sendo as lendas verdade ou não, a lagoa não costuma atrair muitas pessoas para suas águas turvas.

A narração sobre o crime que alimentou a lenda da Noiva da Lagoa dos Barros, condiz com o que sabemos sobre o caso. O amor proibido, o ciúmes e a morte trágica. A jovem Maria Luiza Haussler, estudante de artes com 17 anos de idade, namorava Heinz Werner Schmeling, com 19 anos, há 3 anos. O romance entre ambos era conturbado, visto que a família da moça não aprovava o namoro devido ao estilo de vida rebelde do jovem, que incluía a participação em uma gangue de motoqueiros. Sendo assim, apesar do relacionamento do casal ser longo, Heinz não frequentava a casa da namorada. No dia 17 de agosto de 1940, o namoro entre Heinz e Maria Luiza não se encontrava nos melhores termos,

²⁴ NOTÍCIAS TJRS Justiça Gaúcha. A história arrepiante da noiva da lagoa dos barros. Youtube, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_qhNzh7iwZg>. Acesso em 09/04/2022.

posto que se dirigiram separados ao baile da Sociedade Germânia. Lysinka chegou antes com uma prima e dançou com vários rapazes, confidenciando a um deles que seu relacionamento iria terminar. Após alguns drinques, Heinz chamou a namorada para conversar e ambos saíram do baile. Sobre o que aconteceu a seguir, temos apenas as afirmações de Schmeling e as narrativas dos advogados de defesa e a acusação.

De acordo com o documentário, a motivação do crime seria o sentimento de posse e ciúmes por parte de Heinz. A técnica do Memorial, Sabrina Lindemann, recita trechos do diário da jovem que apoiam essa tese e cujo conteúdo foi utilizado pelo advogado de defesa durante o julgamento. Para reforçar o sentimento de Maria Luiza por Heinz e os problemas em seu relacionamento, é realizada a leitura de um trecho da carta que a jovem teria enviado ao namorado pouco tempo antes do crime, e que encontra-se citada no trabalho de Janaína Bujes:

Querido Heinz!

Eu desejei escrever-te esta carta para poupar, a nós dois, um entendimento pessoal. Notei que não fomos criados para entendimentos pessoais e um entendimento entre nós se torna necessário. Para um entendimento verbal não fomos feitos e por isso esse entendimento far-se-á por escrito.

Eu desejaria chamar tua atenção que as relações entre nós, pelo menos na minha opinião, tornaram-se ultimamente, insuportáveis. Não sei se também sentes o mesmo ou se a tua reserva tem outro motivo ou se ela não tem motivo algum. Uma coisa que sempre já me causava mágoas era a tua falta de sinceridade para comigo. [...]Eu aguardo uma resposta clara, uma declaração sem sentido dúbio.

Até lá fica, em amor, tua Lizinka. (Carta juntada ao processo, Diário de Campo) (BUJES, 2021, p. 33)

A servidora também aponta as contradições presentes nos depoimentos do réu, como por exemplo, a afirmação de que teria pego os tijolos amarrados ao corpo de Maria Luiza na beira da lagoa, enquanto o trabalho de perícia concluiu que os mesmos eram de uma obra localizada no bairro Mont Serrat em Porto Alegre. Apesar de citar a hipótese de que a jovem teria cometido suicídio, como Heinz defendia ter somente cometido o crime de ocultação de cadáver, podemos perceber que o posicionamento do documentário é de que teria ocorrido um assassinato.

O documentário conta com a participação do escritor do livro de ficção documental, “*A Dama da Lagoa*”, o jornalista Rafael Guimaraens.²⁵ A obra busca fazer uma reconstituição do que teria acontecido entre os dois jovens naquela noite de agosto de 1940, deixando margem para que o leitor tire suas próprias conclusões sobre as hipóteses de suicídio ou assassinato, mesclando as notícias de jornais da época com a ficção ao adaptar os fatos para

²⁵ Guimaraens, Rafael. *A Dama da Lagoa*. 2. ed. Porto Alegre: Libretos, 2020

um romance histórico. Dentre os aspectos interessantes que podemos apontar do livro, destaca-se o foco que ele dirige ao julgamento do caso, principalmente ao trabalho muito bem executado do advogado de defesa de Heinz. Ao pôr em dúvida a credibilidade da perícia realizada, sendo um dos primeiros casos em que foram utilizadas técnicas inovadoras no Brasil, a defesa abriu espaço para que o ocorrido naquela noite continuasse um mistério. Apesar de Heinz ter sido condenado pelo crime de assassinato, ele nunca confessou.

Ainda que o vídeo tenha sido produzido pelo Memorial do Judiciário e apresente as circunstâncias expostas pelas matérias de jornais da época e de dois dos autos do processo, diferente da falta de fontes confiáveis evidente nas duas outras narrativas analisadas anteriormente, é importante ressaltar que ele deixa em aberto uma possibilidade para o lado sobrenatural da lenda. O documentário começa e termina falando sobre a lenda de uma dama de branco e os mistérios que rondam a lagoa, fechando-o com a narração de que o fantasma de Maria Luiza seria avistado nas margens da rodovia em frente a lagoa, pedindo carona para os motoristas. Inclusive, devemos citar o próprio título do documentário “A história arrepiante da noiva da Lagoa dos Barros”, que dá nome a este subcapítulo. Assim como nas outras narrativas analisadas, o insólito e o sobrenatural são utilizados para atrair audiência ao caso.

Em uma rápida pesquisa pelo site Youtube, ao procurar vídeos sobre os mistérios da Lagoa dos Barros e da lenda da noiva fantasma, podemos verificar que houve um crescimento nas produções e nas visualizações nos últimos 4 anos. A causa desse aumento não pode ser explicada com certeza, mas há a possibilidade de estar relacionado com o documentário publicado no canal “Notícias TJRS Justiça Gaúcha” em 2018 e o evento comemorativo de 22 anos do Instituto Geral de Perícias (IGP) em 2019, onde foi revelado ao público a descoberta dos laudos periciais do Crime da Lagoa que encontravam-se perdidos há cerca de 80 anos²⁶.

A seguir, serão analisadas duas das produções presentes no YouTube que abordam a lenda da Noiva da Lagoa dos Barros, expondo a versão da narrativa que mais se assemelha aos autos do processo. Os critérios utilizados para a escolha das fontes foi a quantidade de visualizações e de informações nos vídeos.

²⁶ Informação retirada de: LAUDOS do crime que gerou a lenda da Noiva da Lagoa dos Barros são encontrados. **Zero Hora.** Porto Alegre, 30 set. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/10/laudos-do-crime-que-gerou-a-lenda-da-noiva-da-lagoa-dos-barros-sao-encontrados-ck171b4nm01od01n3h56huwqh.html>. Acesso em 10/04/2022.

O vídeo analisado²⁷ que conta com o maior número de visualizações, pertence ao canal *Senhora Morte*. De acordo com a sua própria descrição, ele se define como “Um canal para os fãs do terror. Onde você encontra histórias macabras sobre lugares assombrados, fantasmas reais, possessão, curiosidades sobrenaturais, fenômenos paranormais, lendas urbanas e muito mais assuntos assustadores.”²⁸. Realizando um breve panorama sobre os demais mistérios que envolvem a lagoa, o vídeo utiliza matérias de jornais e fotos reais do Crime da Lagoa para ilustrar a narração. Ao abordar a lenda, a narradora refere-se à aparição como a “Moça de Branco da Lagoa dos Barros”. Podemos considerar que a escolha de referir-se ao fantasma como uma moça de branco e não uma noiva, possibilita ao usuário relacionar a lenda com outras de sua região.

A hipótese de que Heinz teria assassinado sua “noiva” por ciúmes, é novamente retomada. Porém, há o acréscimo de que ele teria ido ao baile por desconfiar que Maria Luiza estaria traindo-o com outro homem. A informação sobre a desconfiança de traição por parte de Heinz pode ter sido acrescentada pela forma de narrar a história, de maneira não intencional, mas mesmo assim já acrescenta algo a mais na história. Ao encontrá-la dançando com um rapaz, os dois discutem e deixam o estabelecimento juntos. Heinz teria afirmado que, enquanto ambos passeavam de carro por volta das 3 da manhã, a moça de repente o alvejou com uma arma de fogo. Após ouvir mais um tiro, teria desmaiado e acordado somente algumas horas depois, vendo o corpo da noiva sem vida ao seu lado. Transtornado, apanhou as cordas que trazia no porta-malas e alguns tijolos que encontrou no local e amarrou em Maria Luiza, para o corpo afundar na Lagoa dos Barros. No vídeo, é explicado que as alegações de Heinz divergem do trabalho da perícia, que apontam a verdadeira localização de onde os tijolos foram retirados. Apesar de expor a visão do réu sobre o crime, novamente podemos perceber que Heinz aparece como o assassino da noiva. Talvez, a narrativa que revela um crime passional por ciúmes como a causa da morte de Maria Luiza se encaixe de melhor forma na lenda de uma noiva de branco que busca vingança. Como fantasma, a noiva da lagoa teria mais motivos para assombrar os caminhoneiros se houvesse sido assassinada por um homem do que se tivesse cometido suicídio. Seu destino como espectro já pode ter sido revelado pouco após o crime, ao apontarem que o aspecto mais surpreendente ao resgatarem o corpo de Lysinka foi o estado que ele se encontrava, apesar de dois dias submerso:

²⁷ SENHORA Morte. A Lagoa dos Barros e seus Insondáveis Mistérios. *Youtube*, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l3psBx6t5jU>. Acesso em 10/04/2022.

²⁸ Informação retirada da descrição do canal no Youtube, disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCGIGwyhAiRIYgpG6K_zkMng/about Acesso em 10/04/2022.

- 1- Corpo não estava inchado;
- 2- Expressão de rosto serena;
- 3- Braços unidos na pontas;²⁹

Para ressaltar o lado sobrenatural da história, após apontar o estado que o corpo se encontrava como parte do mistério, a narração cita experiências sofridas por pessoas que supostamente viram o fantasma da noiva nos arredores da lagoa. Dos casos relatados, podemos destacar o do guarda noturno da antiga Agasa, fábrica que se localizava perto de onde o corpo de Maria Luiza foi encontrado. A presença deste relato indica que uma das fontes de consulta para a produção do vídeo foi o site Gaúcha ZH, utilizando a reportagem em que consta o nome do vigia Milton Nunes como forma de tornar a lenda mais real para o público. Diferente de apenas dizer que moradores e caminhoneiros avistam o fantasma de uma noiva ao trafegarem perto da lagoa a noite, atribuir um nome e um contexto para quem relatou a aparição sobrenatural concede legitimidade à narração.

Apesar de afirmar que a principal motivação para o crime seria pelo sentimento de ciúmes e posse por parte de Heinz, não é relatado a hipótese que ele teria abusado da jovem por considerar que tinha direito sob o corpo dela, informação esta que está presente no documentário do Memorial do Judiciário. Esta parte da narrativa pode ter sido deixada de lado, devido ao teor de violência sexual. Ou seria apenas uma forma de encurtar a história por um limite na duração do vídeo.

Já no vídeo produzido em 2020 pelo canal *Dra. Plague Asylum*³⁰, é possível perceber uma forma diferente de narrar sobre o mesmo crime e a mesma lenda. Apesar de ambos os canais dedicarem-se a criar conteúdos sobre mistérios, lendas e casos insólitos, as narrativas sofrem alterações ao serem contadas e recontadas de acordo com o estilo de narração, o repertório pesquisado e os elementos pessoais que o narrador acaba atribuindo à lenda mesmo que de forma inconsciente. Sobre o segundo canal, é interessante pontuar que o vídeo sobre a noiva da Lagoa dos Barros faz parte de um quadro de conteúdos sobre lendas e mistérios brasileiros chamado de “Brasil assombrado”. De acordo com a descrição do canal, “Dra. Plague Asylum conta histórias dos lugares assombrados reais pelo mundo, lendas e contos de Terror, crimes, Serial Killers, Ufologia. Tudo o que te dá medo!”³¹. Assim sendo, a narrativa

²⁹ Trecho retirado do slide presente no min 5:39 do vídeo: Senhora Morte. A Lagoa dos Barros e seus Insondáveis Mistérios. Youtube, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I3psBx6t5jU>. Acesso em 12/04/2022.

³⁰ DRA. Plague Asylum. A Noiva da Lagoa dos Barros. Youtube, 21 jun. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_OwOvytXVYE. Acesso em 12/04/22..

³¹ Informação retirada da descrição do canal no Youtube, disponível em: <https://www.youtube.com/c/DraPlagueAsylum/about>. Acesso em 10/04/2022.

analisada pode ser encaixada tanto nas de crime, por conta do caso real de assassinato, quanto nas de lendas e contos de terror, por conta da lenda que se alimentou do crime.

Ao apresentar um breve relato sobre os outros mistérios da Lagoa dos Barros, que inclui a aparição até de um lobisomem, é afirmado que os moradores da região consideram suas águas amaldiçoadas. Parte desta maldição inclui a aparição de uma noiva fantasma. A moça vestida de branco assombra motoristas e caminhoneiros que trafegam pela rodovia em frente da lagoa à noite, flutuando acima das águas ou chorando enquanto procura algo na estrada. Por vezes, é vista pedindo carona até a delegacia mais próxima, sumindo de repente no banco traseiro do carro. O fantasma seria de Maria Luiza Haussler, a vítima de um crime real ocorrido em 1940 e que recebeu bastante repercussão na região.

Para expor as versões mais conhecidas sobre a lenda, o vídeo mescla as fotos e informações de Lisynka e Heinz Schmeling com as narrativas da noiva enforcada pelo próprio véu e do motorista com uma paixão não correspondida. É importante ressaltar o momento em que as informações sobre Heinz são incorporadas na lenda do noivo possuído pelos espíritos da lagoa, algo que não ocorreu nas outras narrativas analisadas por não conter o nome do assassino. Aqui podemos perceber a adaptação dos fatos do crime real à narrativa fantasiosa. Ademais, vemos novamente que ao mesclar os nomes e as fotos do casal com as versões conhecidas da lenda, o vídeo abre margem para que eles sejam considerados como moradores da região. Inclusive, apesar de ser mencionado que Maria Luiza era de origem alemã, pertencente a uma família rica e conhecida, ao contar sobre as versões ficcionais da lenda não é informado que ela era porto-alegrense.

A descoberta dos laudos periciais perdidos foi citada no vídeo como uma prova de que as informações presentes na terceira versão da narrativa são verdadeiras. Aliás, isso reforça a hipótese de que essa descoberta foi um dos motivadores para o aumento de conteúdos sobre o caso que envolvem a versão real do crime passionai. Ao analisar a forma com que foi relatado o que teria acontecido naquela noite, percebemos pequenos detalhes diferentes na narrativa desse vídeo. De acordo com Dra. Plague Asylum, a jovem estaria cansada dos problemas presentes no relacionamento e, portanto, aceitou conversar com Heinz a sós no carro para terminar o namoro. No dia seguinte, Heinz aparece sozinho no bairro Belém Velho, sem a namorada. O corpo de Maria Luiza é encontrado somente dois dias depois, nas margens da Lagoa dos Barros. Completamente intacto.

Como no vídeo anterior, é mencionado o relato de Milton Nunes, que avistou o fantasma da noiva enquanto vigiava a antiga fábrica de açúcar nos arredores da lagoa. Porém, devemos apontar que a maior diferença entre o modo que ambos abordam a narrativa é a questão do

noivado. Apesar de apresentar somente a versão real do caso, o vídeo do canal Senhora Morte ainda refere-se a Maria Luiza como uma noiva. A justificativa para a insistência na palavra noiva, talvez seja para que o público tenha mais facilidade para relacionar o crime real com a lenda da noiva que assombra a Lagoa dos Barros. Também podemos citar que é mencionado no vídeo da Dra. Plague Asylum que Lysinka teria sofrido violência sexual, um detalhe ausente na narrativa da Senhora Morte. Sobre os outros mistérios da lagoa, há o acréscimo de uma lenda em cada um dos vídeos: a aparição misteriosa de dois padres na beira da lagoa no primeiro e a afirmação de que as bússolas funcionam de maneira incorreta perto da antiga Agasa.

Em ambos os vídeos analisados podemos encontrar similaridades com as informações apresentadas tanto na reportagem da Gaúcha ZH de 2013 quanto com o documentário produzido pelo Memorial do Judiciário de 2018. Não somente sobre a narrativa do crime real e do corpo intacto de Maria Luiza, que se acredita ter alimentado as lendas sobre uma noiva fantasma da Lagoa dos Barros, como também a entrevista com o ex-vigia da antiga fábrica na beira da lagoa, presente nos dois vídeos, e a hipótese de que Maria Luiza teria sido vítima de um crime passional motivado por ciúmes e sentimento de posse. Porém, similarmente também encontramos narrativas cuja fonte não pode ser confirmada. Após exporem que Heinz recebeu a sentença de doze anos, tendo cumprido apenas metade e se mudado para o Rio de Janeiro com a família, ambos colocam informações sobre qual seria o seu destino depois da prisão. Apesar do ano de sua morte não ser um consenso entre os dois vídeos, podendo ser na década de 70 ou 80, há uma concordância de que ele não teria contraído casamento e nunca teria confessado o crime. É interessante ressaltar estas informações, pois não há a fonte de onde elas foram retiradas. Porém, elas podem estar presentes nos vídeos para fornecer ao público uma espécie de conclusão.

De acordo com o livro de ficção documental *“A Dama Da Lagoa”* de Rafael Guimaraens, Heinz teria se casado com a jovem Hilda Costa em 1948, natural do Rio de Janeiro e que não sabia sobre a pena cumprida por seu marido. Anos após o desquite de Hilda, Schmeling teria se mudado para São Paulo com uma nova esposa e dois filhos, onde teria falecido em 1971 sem confessar o crime e sem que todos os seus descendentes tivessem conhecimento de que ele já havia cumprido pena por ter assassinado a namorada. (GUIMARAENS, 2020, p. 210 e 211). Já no livro *“Moinhos de Vento: Histórias de um bairro de Porto Alegre”* de Carlos Augusto Bissón, a afirmação é de que as notícias sobre Schmeling após ter saído da Casa de Correção são fragmentadas e inconclusivas. De acordo com a versão oficial da família, o pai de Heinz teria falecido em 1984 e o próprio alguns anos depois (BISSÓN, 2008, p. 87).

Ao analisar as diferentes narrativas, é possível perceber aspectos semelhantes entre elas. Em todas as versões, está presente uma inclinação para o mistério, deixando em aberto as hipóteses que envolvem aparições sobrenaturais. Mesmo na produção do Tribunal de Justiça do RS, que pretendia explicar o caso criminal real que inspirou a lenda da Noiva da Lagoa dos Barros, podemos apontar que o próprio nome já apresenta um apelo à parte “arrepicante” da narrativa. Devemos citar também a reportagem da Gaúcha ZH, onde as entrevistas sobre aparições de uma dama de branco possuem mais espaço do que as circunstâncias da morte de Maria Luiza. É importante ressaltar que a matéria foi divulgada pelo site do periódico que pertence ao mesmo conglomerado que produziu o docudrama “Lagoa dos Barros”, o Grupo RBS, exibido mais de anos antes. Pensando que ambos foram apresentados antes da descobertas dos laudos e que mesmo sem revelar maiores detalhes sobre o crime, a reportagem não contém as versões da lenda retratadas no documentário, o que mudou nos últimos 10 anos para a motivar a alteração da narrativa? Um trabalho de pesquisa um pouco mais elaborado?

Além dos aspectos em comum entre todas as narrativas, o crime passional motivado por ciúmes, devemos ressaltar as modificações encontradas nas diferentes versões. De que modo uma jovem estudante de artes transformou-se em uma noiva enforcada pelo próprio véu? Ou assassinada por causa de uma paixão não correspondida? Podemos supor que a narrativa adquiriu elementos, como a questão do enforcamento, para provocar mais choque por parte de quem a ouve. Ou que, o fato da lagoa se localizar em uma região propícia a cerração, o branco do véu e do vestido seria apenas uma ilusão de ótica criada pela névoa e pela escuridão. Tal hipótese apontaria que Maria Luiza foi transformada em uma noiva somente pela existência da crença de uma noiva fantasma no local, criada pela névoa, e a descoberta do seu corpo na lagoa. Podemos somente realizar suposições sobre as causas das alterações na narrativa e desde quando a morte trágica de Lysinka incorporou-se na lenda da Noiva da Lagoa dos Barros, porém é possível perceber neste processo como um crime real pode estimular a imaginação popular e motivar a criação de lendas.

4 Considerações finais

Devemos ressaltar a importância do campo da história cultural para a realização deste trabalho na medida em que abre possibilidades de uso de variados tipos de fontes para entender a constituição de imaginários. A diversificação de fontes como os meios digitais e os documentários publicados no cyberspaço possibilitou verificar diferentes versões da lenda de acordo com a plataforma em que ela foi postada e o modo como a internet facilitou a circulação destas narrativas para além da região à qual ela originalmente pertencia. O propósito desta pesquisa não era determinar o que era real ou ficção na narrativa, e sim refletir sobre como uma narrativa pode ser alterada de diversas formas a partir de uma estrutura em comum composta por vários elementos: uma dama de branco, vítima de um crime passional e assombrando uma região; um fantasma feminino presente não só na cultura de várias regiões do Brasil, como do mundo³², o medo secular da água e da escuridão. Para tal, foi preciso ver nas lendas, nos documentários e nos depoimentos diferentes formas de narrativa e como eles contribuíram para que, mais de 80 anos depois, Maria Luiza tenha permanecido na memória popular, mesmo que por vezes a única similaridade com a história do crime seja o seu nome. Como bem afirmam Rossini, Machado e Santos (2015, p. 9),

Ao modo de um detetive, o historiador cultural junta essas pistas de um processo nem sempre visível, nem sempre datável ou registrável, e organiza-as e desorganiza-as; interroga-as; vasculha-as até poder recriar esse mundo possível, de regras nem sempre expressas, mas sempre observáveis após um longo estudo. Olhar o passado através dessas lentes é resgatar uma beleza e um horror de diferentes proporções: afinal, não há um campo de batalha nem armamentos, contagens de corpos e acordos finais. Há outros indícios, como fotos, cartas, músicas, mapas, romances, filmes, diários, pinturas, e tantas outras coisas por onde a imaginação humana achou por bem deixar registradas suas façanhas e percalços nesta aventura que é a vida.

A escolha de utilizar fontes digitais para analisar as versões mais comuns de serem encontradas sobre a lenda da Noiva da Lagoa, e refletir sobre suas particularidades, surgiu devido a outros trabalhos que também optaram por introduzir textos de blogs em sua pesquisa. Por exemplo, podemos citar os artigos “La LLorona no México e as damas de

³² Podemos citar as lendas canadenses da “La Belle Gardienne d’enfants”, da “La Dame Blanche de Montmorency e da “L’auto-stoppeuse du parc des Laurentides”. As três foram analisadas e usadas como comparação para outras narrativas de mulheres de branco do Rio Grande do Sul por Gabriele Pereira e Sylvie Dion (2012, p. 05).

branco no Brasil: Proximidades, discurso e identidade” de Pinheiro e Araújo (2020) e “Lendas populares do Rio Grande do Sul” de Dion (2020). Além de possibilitar que a lenda circule para um público muito maior do que os limites de uma comunidade, os meios digitais de informação em massa podem ser considerados como um recurso tecnológico da memória. Para quem já conhece uma versão da lenda, ou até mesmo possui experiências sobrenaturais relacionadas a ela, os comentários abrem um espaço para um diálogo entre o público e o narrador. Não sendo um texto completo e definitivo, a lenda sofre alterações não só ao ser contada, como também na forma que o receptor entende a narrativa e atribui suas vivências e modos de narrar ao recontá-la.

Longe de concluir as discussões sobre o imaginário em volta da lenda da Noiva da Lagoa, este trabalho buscou relacionar a narrativa de uma dama de branco que assombra a Lagoa dos Barros com a de outras duas moças vítimas de crimes passionais e que também tiveram sua história incorporada no imaginário popular. A existência de fantasmas femininos vestidos de branco estão presentes na cultura de diversas localidades, em comum todas possuem uma morte trágica que serviria de justificativa para a permanência do seu espírito no mundo dos vivos (Dion, Pereira, 2012). Neste trabalho, optou-se por traçar paralelos entre as narrativas de três Marias: Maria Bueno, Maria Francelina Trenes e Maria Luiza Haussler. A intenção era refletir como e porquê as três moças vítimas de crimes classificados como passionais permaneceram na memória coletiva como fantasmas e quais eram as similaridades e diferenças em suas narrativas. Apesar delas serem da região sul do Brasil, terem o mesmo primeiro nome e o mesmo destino trágico, no imaginário elas representam tipos diferentes de damas de branco. Tanto Maria Bueno quanto Maria Francelina eram moças “alegres” enquanto vivas, pobres e à margem da sociedade. Porém, ao serem mortas de forma violenta, ambas degoladas por seus parceiros, tiveram sua memória redimida pela tragédia. De prostitutas para santas populares, que morreram por defender a sua honra. Apesar das narrativas presentes no julgamento do assassinato de Maria Luiza também envolveram a questão da honra e representações de gênero (BUJES, 2020), podemos perceber que a sua morte foi incorporada ao imaginário local de uma maneira diferente. Enquanto as outras Marias tornaram-se “santas de cemitério”, Lysinka recebe oferendas para não causar acidentes nas estradas que assombra.

No decorrer da pesquisa e das hipóteses levantadas a partir da análise das fontes, permanece o questionamento do que é possível concluir. Não é possível definir com certeza o que alimentou o imaginário popular em volta da morte de Maria Luiza e a lenda de uma

noiva fantasma que se formou a partir desta. No momento que uma narrativa é contada e recontada, perde autorias e elementos e recebe novas características. Concluímos este trabalho com mais questionamentos do que certezas acerca do imaginário da dama de branco e dos outros mistérios que fazem da Lagoa dos Barros um local considerado amaldiçoado. Será que a lenda da noiva tem mais relação com a lagoa e as tradições e lendas locais do que com o crime passionai de 1940? Qual papel desempenhou no desenvolvimento da lenda – e suas versões - a alta repercussão do crime na imprensa da época? Será que as notícias em que Heinz refere-se à namorada como sua noiva contribuíram para a versão de aparição da jovem com vestido branco de noiva e véu?

Assim como este trabalho teve como intenção analisar os modos como as lendas preenchem silêncios, a pesquisa abriu questionamentos e lacunas a serem preenchidas. Além da possibilidade de explorar os relatos dos moradores da região de Osório e Santo Antônio da Patrulha e realizar uma pesquisa utilizando a história oral da comunidade, o tema Damas de Branco pode ser mais aprofundado ao abordar outras narrativas. Por exemplo, como Dion e Pereira (2012) relacionaram as lendas de damas de branco do Rio Grande do Sul com as do Quebec, há espaço para ser realizada uma pesquisa sobre a presença de assombrações femininas vestidas de branco na América Latina, tal como podemos encontrar no México a narrativa de uma dama de branco que assombra rios e lagoas. Conhecida como La Llorona, a moça teria sido condenada a vagar por toda a eternidade após afogar os seus filhos em um riacho. Por isso, ela pode ser encontrada chorando perto das águas à procura de seus filhos, capturando crianças que brincam sozinhas como uma forma de substituir os seus (ARAÚJO e PINHEIRO, 2020, p. 7). A narrativa de La Llorona pode ser relacionada à da Noiva da Lagoa por ambas assombrarem locais com água.

Como apontado anteriormente, a análise de lendas e narrativas fantásticas pode ser utilizada como fonte para refletir sobre a memória coletiva de uma comunidade e o que elas indicam sobre suas crenças e temores. Podemos perceber que apesar de Maria Luiza ser apenas namorada de Heinz e não uma noiva, no imaginário popular ocorreu a adaptação de sua história à medida que ela foi contada e recontada. Incorporando à narrativa elementos culturais da região, a individualidade de quem a conta, seus objetivos e o contexto da época em que está sendo contada. Cada época acrescenta seus temores e anseios vigentes, de modo a facilitar a identificação com a narrativa e aumentar a atenção do público. Portanto, podemos considerar as lendas, incluindo a da Noiva da Lagoa, como um conto sem ponto final, parte de uma escrita coletiva.

Fontes

Diário de Notícias. Porto Alegre. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

A tragédia passional da estrada de Gravataí: Permanece o mistério da morte de Maria Luiza. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 21 de agos. de 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&Pesq=%22lagoa%20dos%20barros%22&pagfis=2407>. Acesso em 13 abr. 2022.

COMEÇA a esclarecer-se a tragédia da madrugada de domingo: Heinz acusado! *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 de agos. de 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&Pesq=%22Madrugada%20de%20Domingo%22&pagfis=2419>. Acesso em 13 abr. 2022.

A promotoria mobilizada para acusar Schmeling: Todos os objetos relacionados com a tragédia da Lagoa dos Barros serão expostos aos jurados. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 4 de set. de 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&Pesq=%22lagoa%20dos%20barros%22&pagfis=2575>. Acesso em 13 abr. 2022.

O Momento. Caxias do Sul. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

SERTÓRIO, Pedro. 1940. “O crime da Lagoa dos Barros”. *O Momento*, Caxias, 2 de set. de 1940. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882615&pesq=%22lagoa%20dos%20barros%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=1938>>. Acesso em 13 abr. 2022.

Sites de notícias

SUPERSTIÇÕES da Lagoa dos Barros mexem com imaginário as margens da Freeway. *Zero Hora*, Porto Alegre, 09 fev. 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2013/02/supersticoes-de-lagoa-dos-barros-mexem-com-imaginario-as-margens-da-freeway-ck17t5bfp01r701n36xkj5puk.html>>. Acesso em 11 abr. 2022.

LENDAS urbanas: A Lagoa dos Barros e a Cidade Submersa. *Poa 24horas*, Porto Alegre, 25 mai. 2021. Disponível em: <<https://poa24horas.com.br/noticias/2021/05/lendas-urbanas-a-lagoa-dos-barros-e-a-cidade-submersa/>>. Acesso em 11 abr. 2022.

Blogs

Farias, Erik. Aparições da Lagoa dos Barros. 11 set. 2014. Disponível em: <<https://misteriosfantasticos.blogspot.com/2014/09/aparicoes-da-lagoa-dos-barros.html>>. Acesso em 11 abr. 2022.

Vídeos disponíveis no YouTube e no site da Rede Globo

A LAGOA DOS BARROS. Direção: Hique Montanari. Produção: Daniela Hinerasky. RBS TV. 14 fev. 2001. 8 min e 34 seg. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/curtasgauchos/videos/t/edicoes/v/reveja-o-documentario-a-lagoa-dos-barros/2406545/>> . Acesso em 11 abr. 2022.

Notícias TJRS Justiça Gaúcha. A história arrepiante da noiva da lagoa dos barros. Youtube, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_qhNzh7iwZg>. Acesso em 11 abr. 2022.

SENHORA MORTE. A Lagoa dos Barros e seus Insondáveis Mistérios. Youtube, 23 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l3psBx6t5jU>>. Acesso em 11 abr. 2022.

DRA. PLAGUE ASYLUM. A Noiva da Lagoa dos Barros. Youtube, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_OwOvytXVYE>. Acesso em 11 abr. 2022.

Referências Bibliográficas

ACKER, A. M. ; ROSSINI, M. S. ; ROSSINI, M. S. . A experimentação na produção ficcional televisiva: os Curtas Gaúchos da RBS TV. *Líbero* (FACASPER) , v. 17, p. 41-50, 2014.

AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 5 edição. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

Baker, J. O., & Bader, C. D. A social anthropology of ghosts in twenty-first-century America. *Social Compass*, 61(4), 569–593. 2014

BARROS, José D'Assunção . A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos* (On-line) , v. 9, p. 125-141, 2005.

BERNARDES, M. E.. Memória coletiva e contos de assombração: uma abordagem sobre a identidade e a tradição da cultura popular em Caldas, Minas Gerais. In: 18th IUAES World Congress, 2018, Florianópolis. CONFERENCE PROCEEDINGS ANAIS - 18TH IUAES WORLD CONGRESS. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2018. v. 03. p. 4004-4015.

BERNARDES, M. E. “Quanto mais rezo, mais aparece assombração”: um estudo dos contos populares de Caldas, Minas Gerais, sob a ótica do medo e da religiosidade. *Percursos*, v. 01, p. 52-63, 2015.

BISSÓN, Carlos Augusto. *Moinhos de Ventos: histórias de um bairro de Porto Alegre*. 2ª. ed. Porto Alegre: SMC/IEL, 2009.

BRANDÃO, Carlos R. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BUJES, de Souza Janaina. *O crime da Lagoa dos Barros e a produção das estratégias narrativas em um processo de feminicídio*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DARNTON, R. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986, 2ª edição.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEL SARTO, S. M. ; BERNARDES, M. E. . Um Olhar Sobre a Construção Das Identidades Femininas: Os causos de assombração em Caldas, Minas Gerais. *MOVIMENTAÇÃO* , v. 5, p. 44-59, 2019.

DION, S. Transmissão, transgressão e identidade cultural: estudo comparativo do lendário do Quebec e do Rio Grande do sul; o exemplo do diabo. *Cadernos Literários (FURG)* , Rio Grande, v. 10, p. 71-79, 2005.

DION, S.. A legendificação do fait divers; o caso de Marie-Josephte Corriveau a enforcada engaiolada. *Revista Signo* , Santa Cruz do sul, v. 30, n.48, p. 83-93, 2005.

DION, S. . A lenda urbana um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. *Boitatá* , v. 6, p. 1-14, 2008.

DION, S. . Lendas Populares Do Rio Grande Do Sul. *CADERNOS LITERÁRIOS (FURG)* , v. 26, p. 33-46, 2020.

DION, S. . O "fait divers" como gênero narrativo. *Letras (Santa Maria)* , v. 34, p. 123-131, 2007.

DUBY, Georges . *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

DURAND, Gilbert. O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, n. 23, abril 2004, pp. 07-22.

ELMIR, C. P. . A ficção e o maravilhoso no discurso jornalístico. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 35, p. 127-147, 2009.

ELMIR, C. P. *A história devorada*. No rastro dos crimes da Rua do Arvoredo.. Porto Alegre: Escritos, 2004. v. 1. 321p .

ELMIR, C. P. . Uma história a procura de seu motivo: ensaio de método (os crimes da Rua do Arvoredo. Porto Alegre, 1863-4). *História Unisinos* , São Leopoldo, v. 9, n.3, p. 246-251, 2005.

GEERTZ, Clifford: *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GINZBURG, Carlo, "O Inquisidor como Antropólogo". *Revista Brasileira de História*, São Paulo. ANPUH/Marco Zero, n. 21 - setembro 90/ fevereiro91, pp, 9-20

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

- HUNT, Lynn. (org.) Apresentação. In: *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KALIFA, Dominique. *A tinta e o sangue: narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque*. São Paulo: Editora UNESP, 2019
- LAUCK, Fernando Rocha. *Agosto de 1940: O Crime da Lagoa dos Barros através das páginas da Revista Vida Policial*. Monografia (Especialização em História do Rio Grande do Sul) - Polo Universitário Santo Antônio, Universidade Federal do Rio Grande. Santo Antônio da Patrulha, p. 25. 2014.
- LOPES, C. R. . Em Busca do Gênero Lenda Urbana. *Linguagem em (Dis)curso* , v. 8, p. 373-393, 2008.
- LOPES, C. R. . Lendas Urbanas: discurso, cotidiano e verdade. *Revista da ANPOLL (Impresso)* , Campinas, SP, v. 19, p. 33-56, 2005.
- NAVARRO-SWAIN, T. . Voce Disse Imaginario?. In: Tania Navarro Swain. (Org.). *Historia no plural*. Brasília: EDUNB- UNIVERSIDADE DE BRASILIA, 1994, v. , p. -.
- NÉIA, Vitor Hugo S. . O folclore e a escrita da História: a cultura popular como fonte. *RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura* , v. 25, p. 203-226, 2017.
- NORA, Pierre.. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n.10. São Paulo: PUCSP, 1993.
- PEREIRA, G. C.. As damas de branco no lendário do Québec e do Rio Grande do Sul. In: V SENALIT, 2012, Rio Grande-RS. As damas de branco no lendário do Québec e do Rio Grande do Sul, 2012.
- PESAVENTO, S. J. . A construção de uma Porto Alegre imaginária - uma cidade entre memória e história.. In: Grijó, Luiz Alberto; Kuhn, Fábio; Guazzelli, César Augusto Barcellos; Neumann, Eduardo. (Org.). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. 1ed.Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004, v. 1, p. 179-208.
- PESAVENTO, S. J. . Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Cuadernos Del Sur História*, Bahia Blanca, v. 28, p. 235-255, 1999.
- PESAVENTO, S. J. (Org.) ; SANTOS, N. M. W. (Org.) ; ROSSINI, M. S. (Org.) . *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. 1. ed. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008. v. 1. 254p .
- PESAVENTO, S. J. *Os sete pecados da capital*. 1. Ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- PINHEIRO, M. T. R.; ARAUJO, N. A. . La Llorona no México e as damas de branco no Brasil: Proximidades, Discurso e Identidade. *Revista Philologus*, v. 26, p. 408-426, 2020.
- PISCITELLI, A. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 1, p. 150–200, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1683>. Acesso em: 6 fev. 2022.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10. P. 200-212, 1992.
- PORTO, A. G. Histórias de Sensação, crimes sensacionais: notícias de crime e literatura no final do século XIX. In: *XVII Encontro Regional de História*, 2004, Campinas.
- PORTO, A. G. Confeccionando ficções criminais. *História Social (UNICAMP)*, v. 22/23, p. 143-163, 2012.

- POLLAKE, Carla.; DELGADO, Flávia. Lendas urbanas gaúchas: a folkmídia na tela da RBS. In: *8ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação*, 2005, Teresina - PI. 8ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Teresina PI: CEUT, 2005.
- RENARD, Jean-Bruno. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 32, p. 97-104, abril de 2007.
- ROCHA, G. Cultura Popular: Do Folclore ao Patrimônio. *Revista Mediações (UEL)* , v. 14, p. 218-236, 2009.
- ROSSINI, M. S.; MACHADO JUNIOR, C. S.; SANTOS, N. M. W. (Orgs.) . *Representações e visibilidades na história cultural: imagens, imaginários, memórias*. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2015.
- SANTOS, Conceição Aparecida dos. Salve todas as Marias! Santas, prostitutas e pombagiras. *Anais do Fazendo Gênero 2013*. Florianópolis, UFSC, 2013.
- SERAFIM, Vanda Fortuna; PICCOLI, Tonia Kio Fuzihara. Maria Bueno e suas representações: reflexões teóricas sobre as crenças religiosas no Paraná - século XXI. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 411 - 444. maio/ago. 2016.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, p.71-99, jul-dez. 1995.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*. v. 27, 2007.
- STEIL, C. A.; TONIOL, R. F. . Maria Degolada: de mulher a santa e de santa a mulher. In: ZANOTTO, Gizele. (Org.). *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2012, v. 1, p. 211-242.
- THOMPSON. E.P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado- História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TILLY, Louise A. Gênero, História das mulheres e História social. In: *Cadernos Pagu*. v.3, 1994.